

ASTRÉA



ORDO AB CHAO

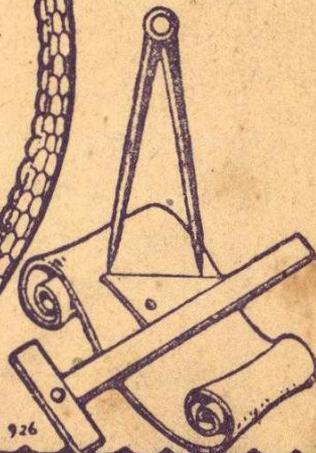
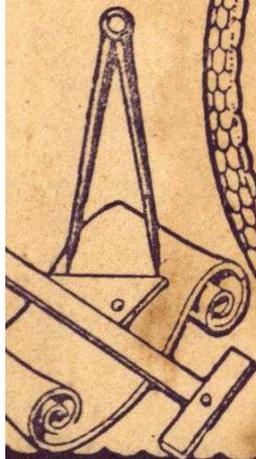


DEUS MEUMQUE JUS

ORGAO OFFICIAL DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL

Anno V—Ns. 5 e 6

Maior - Junho 1931



SUMMARIO

Parte Official — Acto n.º 23	129
A Maçonaria no Brasil, hoje em dia	130
O papel da Maçonaria em face do problema no ensino religioso	135
O ensino das varias religiões nas escolas	139
O ensino religioso nas escolas (Manifesto)	145
Noticiario	147
A ordem de S. Columbano	153
As chaves perdidas da Maçonaria	154
A Lei do silencio	169
O Maçon deve ser tolerante	161
A Maçonaria na Dinamarca	162
Vida Maçónica	163
Roza-Cruzes	165
O Favoritismo e a Maçonaria	168
Os Mystérios Antigos e a Maço- naria Moderna	171
A Republica e a Maçonaria na Hespanha	160

Anno V-Gr.: Or.: do Rio de Janeiro - Maio-Junho de 1931-Ns. 5 e 6

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇONICOS

Orgão Official do Sob.: Sup.: Cons.: do gr.: 33º do Rit.: Esc.:
Ant.: e Acc.: para os Estados Unidos do Brazil



PARTE OFFICIAL

ACTO N.º 23

O Pod.: Ir.: Dr. Mario Behring, Sob.: Gr.: Com.: *ad vitam*
do Sob.: Sup.: Cons.: do Gr.: 33º do Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.:
para os Estados Unidos do Brasil:

Tendo em vista o requerimento feito, a 23 do corrente mez, pelo
Cons.: de Kad.: "Cruzeiro do Sul" nº 1, ao Clim.: do Rio de Ja-
neiro, de dispensa do intersticio para elevação ao gr.: 18.: dos Iir.:
15.: Dr. Eurico de Figueiredo Sampaio e José Julio Corrêa da Silva,
resolve, usando das attribuições que lhe confere o art. 80 dos Esta-
tutos do Supremo Conselho, baixar o seguinte

ACTO

Ficam dispensados do intersticio para serem elevados ao gr.: 18.:
no Cons.: de Kad.: "Cruzeiro do Sul" nº 1, os Iir.: do gr.: 15.:
Dr. Eurico de Figueiredo Sampaio e José Julio Corrêa da Silva.

O Pod.: Ir.: Gr.: Secr.: do S.: I.: é encarregado da publi-
cação e notificação do presente acto.

Dado e traçado no Gabinete do Gr.: Com.: aos 23 de Maio de
1931 (E.: V.:) 7 de Sivan de 5691 (V.: L.:).

(a) *Mario Behring* 33º — Sob.: Gr.: Com.:

(a) *Amaro de Albuquerque*, 33º, Gr.: Secr.: do S.: I.:

NÃO CONHECE A SITUAÇÃO

Em 1922, a Grande Loja de Inglaterra assignou um Tratado com o Grande Oriente do Brasil, pelo qual concordou em reconhecer o Grande Oriente em troca da permissão da fundação de um Grande Capitulo do Rito de York. Este reconhecimento é, talvez, o unico "activo" que o Grande Oriente possui; certamente, a nossa velha Mãe, a Grande Loja de Inglaterra, não conhece esta situação! Parece incrível que estes inglezes, tementes a Deus, Maçons, pertençam ao mesmo Grande Corpo a que pertencem atheus, agnosticos e outros "qualquer cousa". Eu creio, firmemente, que si qualquer grupo de homens, ou qualquer outra organização accrescentasse ao seu titulo a palavra "Maçon", o Grande Oriente os reconheceria e os deixaria proceder como entendessem.

Tive, felizmente, duas entrevistas com Membros dos Corpos do Rito de York. Informaram-me que se mantinham em reserva, nunca frequentando qualquer das Lojas do Grande Oriente, e, naturalmente, não podendo visitar nenhuma das da Obediencia das Grandes Lojas. Mostraram-se desgostos com a situação e só continuavam como Membros porque, quando voltassem á Inglaterra, poderiam visitar as Lojas ali.

O Dr. Mario Behring, eleito Grão Mestre e Grande Commendador, em 1922, poz-se em campo para normalisar a situação; tendo completado ou aperfeiçoado o seu plano, resignou, em 1925, o cargo de Grão Mestre, continuando, porém, no de Grande Commendador. O Dr. Vicente de Carvalho Neiva succedeu-lhe no Grão Mestrado. Elle e o Dr. Mario Behring convieram em um Tratado pelo qual o Grande Oriente e Supremo Conselho seriam Corpos separados e independentes, cada qual soberano em sua esphera, como, primitivamente, estava estabelecido, quasi uns cem annos antes.

Tudo marchava satisfactoriamente, quando o Grão Mestre Neiva falleceu. Seu successor foi o Dr. João S. da Fonseca Hermes. As cousas correram, ainda, bem, mas, surpreendido pela molestia, este resignou.

A ACTUAÇÃO DO DR. KELLY

Succedeu-lhe o Dr. Octavio Kelly e começaram os attrictos. Denunciou o Tratado feito com o Dr. Mario Behring, e, embora

só houvesse recebido os Grãos Symbolicos, proclamou-se Grande Comendador do Supremo Conselho. O Grande Oriente o apoiou nesta tentativa de usurpação e manteve o seu decreto. Naturalmente, o Dr. Mario Behring não se submeteria servilmente, por que fôra regularmente eleito e empossado Grande Comendador do Supremo Conselho, cuja regularidade era incontestavel. O Dr. Mario Behring tomou a verdadeira directriz, denunciando o Tratado de 1866 e declarando o Supremo Conselho soberano e independente do Grande Oriente e convidando a todos os Maçons que acreditavam em Deus e desejassem a verdadeira tradição maçonica e observar os antigos Landmarks, a se retirarem do Grande Oriente. Perto de cem Lojas assim fizeram; algumas dellas abateram columnas e umas poucas voltaram ao Grande Oriente. A grande maioria de Lojas permaneceu com o Grande Oriente mas, somente tres dos vinte sete Membros Effectivos do Supremo Conselho fizeram causa commum com o Grande Oriente. Estes tres, juntamente com outros, a quem, dizem, foi conferido o Grão 33º, organisaram o *soit-disant* Supremo Conselho de que é chefe o Dr. Kelly.

O Templo Maçonico — um esplendido Templo — pertencia, em partes iguaes, ao Grande Oriente e ao Supremo Conselho; assim, com a criação do *soit-disant* Supremo Conselho, pretendem que este é o que tem o condominio do Templo, forçando o Supremo Conselho regular a alugar sua séde.

Além disso, quando o Dr. Kelly assumio o cargo, um Orphanato acabava de ser construido, tendo sido as despezas feitas, em partes iguaes, pelo Supremo Conselho e Grande Oriente, não tendo sido aproveitado para o fim a que estava destinado. O Supremo Conselho é de parecer que, presentemente, um litigio seria inoportuno e despendioso.

Das Lojas que deixaram o Grande Oriente, as do Districto Federal, Rio de Janeiro, fundaram a Grande Loja do Rio de Janeiro, de Maçons Livres, Antigos e Aceitos. E' seu Grão Mestre o Almirante da Armada Brasileira Arthur Thompson e seu Grande Secretario C. L. de Azeredo Coutinho; seu endereço é: — Rua do Carmo, 64, 1.º andar — Rio de Janeiro, Brasil.

As Lojas do Estado de S. Paulo fundaram a Grande Loja de S. Paulo, e assim por deante.

E' PRECISO ESTIMULAR

Ha, no Brasil, vinte Estados e um Districto Federal onde está situada a Capital — Rio de Janeiro. Presentemente, existem Grandes Lojas em sete desses Estados, uma em organização e uma na Capital Federal. Para o futuro, quando o Brasil tiver grande população, quem sabe si não haverá uma Grande Loja em cada Estado, tal como temos uma em cada um dos Estados Unidos da America do Norte e uma em sua Capital? Quem sabe quanto de influencia para o bem, nessa Nação, e quanto de auxilio para o seu futuro, a Maçonaria poderá exercer e emprestar?

Esses Maçons estão no verdadeiro caminho; praticam Maçonaria regular; adoptaram, *in totum*, as Antigas Obrigações e Regulamentos Geraes em uso nas Grandes Lojas Symbolicas anglo-saxonias. O de que elles necessitam, agora, é do estímulo de serem recebidos na communhão da Maçonaria Regular do mundo, nenhum podendo ser mais preciso auxilio que o das dos Estados Unidos da America do Norte.”

*

* *

O artigo acima, do nosso Pod.:. Ir.:. Cowles, publicado pela *New Age* do mez de Abril ultimo, tem alguns equívocos, poucos, que o leitor facilmente corrigirá, oriundos elles da differença de idiomas. Esse artigo, escripto não pelo Sob.:. Gr.:. Comm.:. do Sup.:. Cons.:. da J. S. dos Estados Unidos, mas pelo Past-Grand Master da Grande Loja de Kentucky, expõe aos I Ir.:. dos Grãos Symbolicos o que é, na realidade, a Maçonaria brasileira nos dias que correm. Que as palavras do Ir.:. Cowles possam contribuir para que abram os olhos os cégos pela illusão ou pela conveniencia.

O Papel da Maçonaria em face do problema do ensino religioso nas escolas do Estado

Temos recebido constantes consultas, multidão de sugestões e uma série enorme de appellos para que nos pronunciemos sobre o assumpto que serve de epigraphê a estas linhas.

Temos nos abtido de responder por um motivo simplissimo: O papel da Maçonaria, neste e em casos semelhantes, está perfeitamente traçado por nossas leis.

Nós não admittimos, em nossos trabalhos, nada que, de longe, se pareça com questões de natureza politica ou religiosa.

Abstenção pura e simples, então?

O Maçon não póde, então, opinar sobre a materia?

Uma questão, como esta, que agita todo o paiz, deve ser-nos indifferente?

Não é isso, absolutamente, o que queremos dizer, nem as nossas leis nos condemnariam a uma indifferença que poderia parecer até um suicidio.

Não é isso.

O que as nossas leis prohibem é que o Maçon falle em nome da Maçonaria; que um Ir.º tome compromissos em nome da collectividade; que a Ordem, como agrupamento de homens de todos os partidos e de todas as religiões, tome partido pró ou contra esta facção politica ou aquella religião.

A base da Maçonaria é a tolerancia; com a tolerancia, o respeito absoluto ao modo de pensar de cada um.

Emquanto se praticam esses principios, prospera a Ordem, a Maçonaria se engrandece.

Postos de lado, começam as scisões, vêm o enfraquecimento, a ruina, a morte.

Deve haver, da parte dos bons Ir.º., um grande cuidado em evitar que a Ordem se precipite por caminho errado, encampando opiniões profanas, permittindo que, em seus templos, encontrem écho as lutas que, lá fóra, armam o braço dos homens uns contra os outros.

Indifferença, porém, como aconselhal-a, si a indifferença é, muitas vezes, a morte?

Não; a Maçonaria, por isso mesmo que é Maçonaria, e isso está no seu programma, não póde se desinteressar das grandes questões sociaes.

A Loja é um centro de estudos, onde se preparam os espiritos para a resolução dos problemas que agitam o mundo profano.

Não póde fugir a Loja ao meio ambiente.

Aos seus dirigentes cabe, por isso mesmo, o cuidado de filtrar os assumptos, de sorte que não venham a se converter, dentro da Loja, em um factor de discordia.

Ora, si, actualmente, ha problema que venha apaixonando os espiritos, é esse do ensino religioso facultado nas escolas do Estado.

O Decreto do Governo Provisorio é cauteloso.

Não distingue igrejas.

Não crea preferencias.

Permitte, geralmente.

Não temos receio de que a igreja catholica venha a se aproveitar dessa permissão para apoderar-se do ensino.

Não é isso o que deseja a igreja catholica — que os seus delegados, seus sacerdotes possam ir pregar na cathedra do mestre. E não deseja porque, por via de regra, o padre é egoista.

Esse ensino rende alguma cousa?

Si rendesse, todos os vigarios fariam o sacrificio de ir ensinar o cathecismo nas escolas.

Gratuitamente, nenhum irá ter a qualquer escola, e, si o fizer, será por muito pouco tempo.

O que a Igreja Catholica deseja é que o ensino catholico seja obrigatorio, mas que esse ensino caiba aos professores pagos pelo Estado, porque os Padres têm mais o que fazer do que perder o seu tempo ensinandó regrinhas de que elles mesmos já se esqueceram.

Mas, nem tudo se póde obter de uma vez.

Dahi o perigo da primeira concessão.

E' a repetição da velha anedocta do jesuita e do marcineiro. Estava este official, na sua officina, a trabalhar com os seus officiaes e aprendizes, quando á porta parou, envolto em sua roupeta, o reverendo. Deitou um olhar para todos os lados e fixou-o num sarrafo que jazia no chão. Tomou-o e, dirigindo-se ao marcineiro, perguntou:

— Seu Mestre, podia dar-me este pedacinho de sarrafo?

— Pois, não, Reverendo; com todo o prazer.

— Muito obrigado. E este outrozinho?, continuou, mostrando um outro pedaço de sarrafo.

— Póde leval-o, tambem, Reverendo.

— E poderia passar nelles uma mãosinha de verniz?

— Pois, não, Reverendo. Procopio, passe o verniz aqui nessas taboinhas do Reverendo.

O aprendiz envernizou os sarrafos.

Apanhando, no chão, um prego, o Padre foi, de novo, ao marceneiro.

— E esse prego, Mestre, poderia pregal-o aqui nessas tabôas?

— Como não, Reverendo. Faço tudo com muito boa vontade.

Juntou os sarrafos e pregou-os, conforme o desejo do jesuita. Depois, afastando os braços dos sarrafos, mirou a obra.

— Está uma cruz catita. Mas, agora, diga-me uma cousa, Reverendo: porque não pediu, logo, que lhe desse uma cruz?

— Ah! não, meu filho. Si eu lhe pedisse, logo, uma cruz, com certeza não m'a daria, ou, si m'a desse, seria com pouca vontade.

Nas suas relações com o Estado leigo, age a Igreja Catholica tal qual o jesuita com o marceneiro. E' modesta no pedir, mas pede sempre e acabará, si o Estado fôr paciente como o marceneiro, por tomar conta de tudo e sobrepôr-se aos poderes publicos.

Falle-se ao clero, em geral, na união da Igreja com o Estado. Só os tolos e, entre elles, todos os catholicos sinceros, os crentes de verdade, querem a renovação desses laços.

O que a Igreja Catholica deseja é ser tratada com regalias de religião de Estado, mas sem sujeição ás autoridades leigas. O Estado, pelo thesouro publico, subvencionará o culto, construirá templos, pagará congruas e beneficios. Pelas suas forças organisadas, effectivará as sentenças do juizo ecclesiastico. E, com isso, se constituirá o maior parasita do paiz, engordando placida e feliz.

Esse primeiro passo, a concessão agora feita, é, porém, apenas, o inicio. E' o primeiro sarrafinhozinho do jesuita.

O resto virá depois.

Este o perigo.

Não póde, pois, ser o Maçon soldado da liberdade, sentinella do

livre pensamento, arauto da solidariedade humana, que só poderá ser conseguida fóra e acima de partidos politicos e de religiões, não póde o Maçon contemplar, com indiferença, essa invasão sorrateira dos peiores adversarios da liberdade de consciencia, no dominio do ensino.

Todos os Centros, pois, que se têm constituido para a resistencia e defeza contra essa invasão, devem ser auxiliados pelos Maçons. Esses Centros terão o seu apoio e auxilio material e moral. Serão as cellulas de resistencia contra o perigoso *morbus* que quer infeccionar o nosso organismo social.

Tudo isso, porém, nós o faremos em virtude dos ensinamentos recebidos, em caracter personalissimo, jamais como representantes de grupos maçonicos.

Os Corpos maçonicos, em face de suas leis, como collectividade, têm que se alheiar dessas questões.

Os Maçons, porém, individualmente, têm a obrigação de adherir a todas as resistencias contra as oppressões quer materiaes quer espirituales.

Essa é que é a doutrina verdadeira.

HYPOLITO

— (*) —

Pura verdade

“A Maçonaria não se insurge contra a fórmula particular de religião que cada um professe. O mais que póde é que a interpretação do symbolo esteja de accordo com o que cada qual suppõe dever ser a vontade revelada de seu Creador. E’ tão exigente, porém, na conservação do symbolo e na sua interpretação racional, que exclue, em absoluto, de sua comunhão os atheus, porque, sem crer em um Ser Supremo ou Divino Architecto, não se póde possuir o traçado de architectura espiritual em que estão gravados os seus desejos”.

ALBERT G. MACKAY

O ensino das varias religiões nas escolas

No momento actual, a mim me parece azado que devemos encarar de face o magno problema do ensino religioso nas Escolas Officiaes, porque, sob a fórma apparentemente muito democratica, se deseja instituir, em nosso paiz, a mais feroz das tyrannias — a do dominio temporal de uma religião.

E' bem verdade que o Decreto do Governo, que instituiu a liberdade do ensino religioso nas Escolas Officiaes, tem, no conceito de muitos, a defender-lhe o facto de não haver estabelecido a primacia de uma sobre outra das religiões cultuadas entre nós; mas, por isso mesmo, porque franqueia o terreno official das Escolas, principalmente das Escolas Primarias, a inevitaveis lutas de religiões, por isso mesmo, repito, é que esse acto ha de, fatalmente, ser prejudicial ás instituições democraticas brasileiras.

Ao Estado compete o direito de ministrar ou de fiscalisar o ensino em todas as suas modalidades, desde as bases primarias ás culmiadas dos altos preparos profissionaes, porque ao Estado cabe o dever, de, no proprio interesse, curar dos interesses das classes para que despresados e periclitantes não fiquem os interesses da collectividade aos botes da ganancia de descomedidos interesses particulares.

E' preciso que os homens de Governo não sobreponham aos sentimentos patrioticos as suas tendencias religiosas e, mais do que isso, não se esqueçam de que seus compromissos com uma determinada religião devem ser inteiramente pessoaes e nunca cumpridos á custa das aspirações nacionaes.

Foi pensando assim, pensando sabiamente neste magno problema, que os nossos legisladores, ainda no albor do regimem democratico, procuraram melhorar e ampliar as leis monarchicas afim de nos dotarem com a mais ampla liberdade de pensar e de crêr, que tem sido, até hoje, a mais poderosa força a incrementar as religiões, sem ferir nem coartar consciencias.

No antigo regimem republicano, no regimem ante-revolucionario, da escola inteiramente leiga, os principios democraticos eram melhor

implantados, porque, visando diffundir a instrucção, mantinha a união dos individuos e a unidade da Nação, sem distinguir os alumnos por suas crenças religiosas, mesmo porque instrucção e religião, embora devam co-existir no mesmo individuo, são perfeitamente distinctas, sem dependencia nem interferencia de uma sobre a outra, apesar de que quanto mais solida e mais bem orientada fôr a instrucção individual, mais sincera e mais intensa será a sua crença religiosa.

A's religiões a plena liberdade de ensino e de propaganda de seus credos em suas respectivas escolas ou Igrejas, sem, porém, o minimo auxilio moral, ou material do Estado que, no caso, deve, apenas, garantir-lhes o direito de amplo exercicio dessa liberdade. Assim sendo, não é licito que o Estado, sem mentir aos principios basicos da democracia de nosso regimem, permitta que as diversas religiões se aproveitem das Escolas, mantidas com os dinheiros da Nação, para o ensino religioso, porque, principalmente, ás Escolas Primarias os nossos filhos vão para, sob o influxo benefico da instrucção, serem consagrados ao culto do civismo e não, absolutamente não, ao de qualquer religião, por isso que a sã religião só póde ser perfeita e conscientemente acceita pelo individuo, quando ponderadamente recebida pela razão e pela fé esclarecidas. E a infancia, nos descuidos de seus brincos, não tem o necessario raciocinio nem a indispensavel fé.

A efficacia do ensino leigo se firma na tolerancia dos principios democraticos que unem os individuos aos interesses geraes da comunhão social, emquanto que a sempre demonstrada intolerancia dos sacerdotes das diversas religiões tem sido, infelizmente, em todos os tempos e em todos os paizes, o elemento difficultador da confraternisação dos povos, pois essa intolerancia gerou profunda rivalidade entre ellas, visto cada uma dellas se julgar, sempre, a possuidora, a unica detentora da inteira e unica verdade revelada pela Divindade.

Assim, a promiscuidade do ensino das varias religiões, que se estigmatizam, virá perturbar seriamente as relações entre os individuos pela influencia mais ou menos fanatica que sobre elles, principalmente na infancia, possa exercer o sectarismo de seus sacerdotes, fonte proliфера da mais perniciosa demagogia.

Visando o Estado a união, desde a Escola Primaria, dos individuos pela democracia, que deve amparar a instrucção intellectual e civica, a permissão do ensino religioso nas Escolas officiaes virá romper a salutar e indispensavel neutralidade do campo escolar, util e provei-

tosa fonte de unidade nacional, porque, intransigentes e imperialistas que são, os sacerdotes dessas religiões, forjando uma luta religiosa, não trabalharão pela e para a união dos individuos, reconciliando-os ante os altos interesses da Patria, mas, ao contrario, separal-os-ão, pela intolerancia céga dos cultos, em campos dogmaticos oppostos e irreconciliaveis, de cuja funesta acção só decorrerão serios e graves prejuizos para a Nação.

Embora não se manifestando claramente por esta ou aquella religião, o Estado, decretando a faculdade de todas as religiões se enfrentaram no terreno das Escolas officiaes, annullará esta sublime e democratica neutralidade, por isso que o infiltrar officializado de tantas religiões antagonicas trará, inevitavelmente, lutas intensas, cujas pessimas consequencias passarão do dominio puramente religioso para o campo fecundo das actividades intellectuaes, moraes e civicas dos individuos, dividindo-os em hostes religiosas, já agora, com direito de agirem com a cumplicidade do Estado, e, portanto, mais ferrenhamente arrogantes e, como taes, perniciosas na propaganda de seus credos.

E o perigo imminente está em que se propala aos quatro ventos que a maioria da Nação é partidaria da religião Catholica Apostolica Romana. Em um paiz como o nosso, immensamente vasto e pouco populoso, com uma população de, no minimo, $\frac{3}{4}$ de "massa ignara", na "phase fetichista da adoração de santos com varias especialidades milagreiras", o pavor do inferno e de outras penas formidaveis *post-mortem*, facilmente augmentará o fanatismo, tanto mais pernicioso quanto mais ignorante fôr o individuo, como, infelizmente, já temos tido a desgraça de assistir não só nos nossos sertões como, até, nas mais adentadas capitaes.

E' da crença dessa hypothetica maioria (1) que se pretende tirar proveitos que venham amparar a Igreja Romana, a incançavel que não

(1) — "Quanto á emenda n.º 10, estipulando que a Igreja Catholica é da quasi totalidade do povo brasileiro, acho, em primeiro logar, essa affirmativa muito contestavel. Para que uma pessoa se diga catholica é preciso que conheça a doutrina, accete todos os seus dogmas e a pratique. Nessas condições, ha, apenas, uma élite, uma minoria seleccionada. A alta sociedade adopta um catholicismo um tanto sceptico e elegante. E a grande massa ignara está na phase fetichista da adoração de santos com varias especialidades milagreiras". (Getulio Vargas, em "O Paiz" de 29-5-925).

cessa de, por todos os meios e modos, alimentar, agora mais do que nunca, seus ardentes desejos de dominio temporal.

E' o que se deduz da Encyclica de Pio XI sobre a educação, de cujo texto, facilmente, se chega ás seguintes conclusões:

— Que o controle exclusivo do Estado sobre a educação publica é a causa de grandes males.

— Que a missão educativa da Igreja Romana se estende *sobre todos os povos, sem distincção, e não existe direito ou qualquer poder civil que se lhe possa oppôr ou impedil-a.*

— Que a Igreja Romana é independente de qualquer governo ou poder temporal no exercicio de sua missão educativa.

— Que a Igreja Romana *tem o direito soberano* de julgar si qualquer systema de educação aproveita ou prejudica ao povo.

— Que os systemas de educação devem ser sujeitos ás regras da divina lei da qual a Igreja Romana é *a exclusiva e infallivel guardiã, interprete e pregadora.*

— Que é *dever do Estado ajudar* a Igreja Romana a *manter as suas escolas religiosas com o auxilio dos fundos publicos* e que é, igualmente, dever de todos os catholicos, *como acto de religião, exigir que o Estado cumpra esse dever.*

Apesar do absurdo dessas manifestações de ambicioso dominio temporal e, talvez, por isso mesmo, não se esqueceu o signatario da Encyclica de dar ao Estado o *direito* de intervir na educação do povo unicamente como *pagador das tropas*, mantendo, a custa do suor do povo, as escolas religiosas por ella creadas.

Quanto a ter o controle da educação do povo, nem de leve se falla, mesmo porque a Igreja Romana se declara *independente de qualquer governo ou poder temporal no exercicio de sua missão educativa e a unica capaz de julgar si qualquer systema de educação aproveita ou prejudica ao povo.* Manter essa independencia é uma cousa, manter suas escolas é outra, porque *pobre, pauperrima*, como é, a Igreja Romana só tem o indispensavel para manter o luxo asiatico do Vaticano.

De tudo isso se infere o proposito que tem a Igreja Romana de escravisar as consciencias, substituindo a soberania do Estado pela estreiteza fanatica da applicação compulsoria dos dogmas anti-christãos do catholicismo romano.

Entretanto, os mais fervorosos catholicos brasileiros, obedientes ao seu supremo chefe, já começaram a dar intenso, embora disfarçado, curso ás *exigencias* que, como *acto de religião*, lhes são impostas, no sentido de arrancarem do controle do Estado a educação do povo, principalmente da infancia, para que mais facil lhes seja dar á Igreja Romana o dominio da *exclusiva e infallivel guardiã, interprete e pregadora* das regras da divina lei.

Essa vaidosa affirmativa de exclusividade, sobre ser, francamente, uma declaração de guerra *santa* contra todas as outras religiões cultuadas, tambem, no Brasil, é a mais formal declaração de que ella, a Igreja Romana, não irá cultivar, na alma do povo, a sublime doutrina de amor fraternal do meigo Nazareno, mas, sim, na vesania de dominio temporal, implantar rivalidades, resurgir, revigorados, os antigos odios que ella propria creou e mantem contra as demais religiões, muito embora os codigos de moral, que a todas regem, sejam iguaes na essencia e nas applicações sociaes. Tão verdadeira é essa declaração de guerra *santa* para a conquista do dominio temporal do mundo, tão certo é que a Igreja Romana, para corroborar a sua absurda idéa de unica capaz de proporcionar salutar educação aos povos, procura, com formidavel resistencia passiva, subverter todos os *systemas* de educação, que, nessa mesma Encyclica, ha a ordem imperativa de seu supremo Chefe, sentenciando:

“Nós, portanto, confirmamos as nossas anteriores declarações, canones sagrados, prohibindo ás creanças catholicas de frequentarem escolas anti-catholicas, neutras ou mixtas, *por estas ultimas entendendo-se escolas abertas a catholicos e não catholicos*”.

Este prohibição concretisa o seu profundo e perenne odio ás instituições democraticas, principalmente, ás que asseguram a liberdade de consciencia.

Ora, si as demais religiões, usando do mesmo direito de soberania e independencia, fizerem identicas prohibições, será o descalabro de nossas instituições democraticas pelo afastar das creanças das Escolas publicas do Estado, descalabro ainda mais prejudicial porque será o dos odios religiosos, com sua consequencia fatal de divisão dos individuos não em classes productivas e uteis á Nação, mas em nucleos adversos pela cegueira do fanatismo religioso.

Deante, pois, destas tristes perspectivas contra a nossa nacionalidade, contra a liberdade de consciencia, contra, enfim, a soberania do Estado, a nós Cidadãos e Maçons cabe o dever inilludível de, com sacrificio até, defendermos a integridade, a paz e a felicidade da Nação.

Sem quebrarmos a neutralidade que a Maçonaria deve manter entre os credos politicos e as crenças religiosas, mas respeitando-a ainda mais, nós não podemos fugir aos nossos deveres de cidadãos livres de uma patria livre, deixando de, dentro da lei, da ordem e da tolerancia, tomarmos a vanguarda dos combatentes em pról da liberdade de consciencia, pugnando para que, entre nós, permaneçam os salutaes principios da mais liberal conquista espiritual — a IGREJA LIVRE NO ESTADO LIVRE.

Catholicos, protestantes, crentes de outra qualquer religião, que entre nós communguem os ideaes maçonicos, devem todos se unir no fé conservadora, porque as religiões só poderão alcançar o pinaculo de suas respectivas grandezas espirituas e moraes quando seus adeptos a ellas pertencerem conscientemente, por deducção logica de sua razão e de sua fé, nunca por temor de castigos nem por ganancia de favores.

Todos os Maçons devem auxiliar, em qualquer terreno, os esforços que, neste sentido, fazem milhares de brasileiros conscios de seus deveres de cidadania. A divisão administrativa e liturgica das respectivas soberanias territoriaes não impede, ao contrario, obriga á união espiritual, e até material, para que volvamos ao regimen de paz, de união e democracia em que viviamos desde os primordios do regimen republicano.

Procuremos augmentar os laços que unem as nossas Lojas, porque, assim, estreitaremos os que individualmente nos unem. No desempenho de nossas funcções, no cumprimento de nossos deveres civicos, tenhamos, sempre, os olhos da alma volvidos para a Estrella Flamígera e, de suas emanações scintillantes, tiremos a directriz de nosso commum ideal, tão bello, tão sublime e tão facilmente realisavel si, cada vez mais, nos aperfeiçoarmos no ambiente de nossos Templos, onde doce, meiga e sincera deve ser a fraternidade, não nos nossos labios, mas inteiramente em nossos corações de verdadeiros Obreiros da Arte Real.

Cumpramos, sem discrepancia, nossos deveres maçonicos e sociaes e conquistado teremos o imperio sacrosanto da LIBERDADE DE CONSCIENCIA. — *TRAJANO*.

O ensino religioso nas escolas officiaes

MANIFESTO DA GRANDE LOJA DO RIO DE JANEIRO

Aos Maçons regulares espalhados pelo Brasil,

Os Maçons regulares do Valle do Rio de Janeiro, congregados em torno da Grande Loja Symbolica do Rio de Janeiro, em sessão de 5 de Maio corrente, — *Considerando*: que o Decreto ultimo do Ministerio da Educação e Sau'de Publica, admittindo o ensino religioso nas Escolas, aberra do principio da liberdade de consciencia firmado pelos nossos maiores, na liberrima Constituição de 1891; que não se pode comprehender que, ao cabo de 42 annos de regimen francamente republicano, com plena liberdade de cultos, se cerceie o pensamento humano ao sectarismo estreito e perigoso com que o clero romano pretende nos fazer retroagir; que esse decreto, cuja essencia contraria toda a Evolução Mundial e toda a Civilização Moderna, se executado fôr, divide as familias, até hoje vivendo na plenitude de todas as suas liberdades moraes; que retroagir, neste momento, em que a Espanha Catholica dá provas do seu amor á Republica, libertando o seu povo do servilismo á Igreja de Roma, decretando immediatamente a Liberdade de Cultos, é medida inconsciente; que, com a execução desse decreto, fica vedado o ingresso, nas Escolas, dos elementos estrangeiros que não professem o mesmo credo daquelles que, constituindo-se em vintena, pelo preconceito social, adoptarão o ensino catholico; que não comporta uma Republica, surgida pela Conquista de Ideaes nobilitantes dos nossos maiores, que se torne a um passado de erros e de mentiras sociaes; que não é esse o programma de uma Republica Nova, vazado nos principios que determinaram a primeira, mas que a corrupção os deturpou; que seria abdicar dos direitos de um povo circumscrever, num decreto feito sem previsão, a ampla liberdade de pensamento; que o ensino religioso vem ferir o mais sagrado patrimonio da alma brazileira — a liberdade de pensar e de sentir; que esse decreto veio como patrulha avançada, mostrar a força do desejo da Igreja Catholica, para que volte o seu antigo predominio, o que viria destruir todo o Edificio da Democracia architectada pelos nossos antepassados; que o proprio Chefe do Go-

verno Provisorio, em discurso proferido no Congresso Juridico, em 4 do corrente, faz a apologia da liberdade de cultos, o que diverge completamente da sancção que deu ao infeliz decreto.

RESOLVE :

1.º — Protestar energicamente contra o ensino religioso nas escolas brasileiras ;

2.º — Auxiliar toda a acção no sentido da revogação desse decreto ;

3.º — Congregar todos os maçons no mesmo sentimento, levando avante toda idéa que impeça o surto official de qualquer religião no Brasil ;

4.º — Empregar todos os meios maçonicos e profanos a seu alcance, para que não sejam demolidos os principios basicos de liberdade contidos na Constituição de 1891, e que nada mais são do que as idéas democraticas vencedoras com a Grande Revolução Franceza, em que foram assentados os Direitos do Homem, sob a base da Soberania do povo e da Liberdade Espiritual.

Rio de Janeiro, 8 de Maio de 1931.

A ADMINISTRAÇÃO

Almirante Arthur Thompson, Cap. de Corveta Esculapio C. de Paiva, Ernesto Segura Herrera, Ernesto Kopschitz, Dr. João Alfredo Ravasco de Andrade, Candido Lobato de Azeredo Coutinho, Ildebrando de Assis Pinto, Alberto Sanz Navas, Dr. Eurico de Figueiredo Sampaio, Dr. Rufino de Loy, Georges Walckiers, Fernando Muller, Alceu Pereira de Araujo, Custodio Martins Salvado, José Martins Placeres, Dr. Hugo Martins Ferreira, Dr. Carlos de Castro Pacheco, Antonio Alves de Carvalho, Dr. Justo Antonio de Oliveira, Paulino Diamico, Alfredo Corrêa Villaça, Joaquim Ferreira Neves, Dr. Adolpho Camara da Motta, José de Mattos Silva, Antonio de Oliveira Britto, Bernardo de Castello Branco, Max Landesmann, Dr. João Pereira Cardoso Thompson, Mario Ferreira Villaça, Abilio Carneiro das Neves, Joaquim da Silva Carneiro, Francisco da Costa Camello, Octacilio O. Rosa, Jacob Boesch e Joaquim Teixeira da Costa.

Noticiario

AUSTRIA

Foi eleito Sob.: Gr.: Comm.: para a Austria o M.: Ill.: Ir.:
Frederick G. Qalker.

INGLATERRA

Falleceu, recentemente, em Londres, Sir. Alfred Robbins, presidente da Commissão de Assumptos Geraes da Gr.: Loj.: de Inglaterra.

Esse Maçon, que gozava de grande prestigio no seu paiz, esteve no Brasil, em 1927, pouco antes da crise que levou o Sob.: Sup.: Cons.: a romper com o Gr.: Or.: do Brasil. Recebido, apenas, pelos membros inglezes do Rit.: de York, nem um contacto teve com a administração do Gr.: Or.:.. Isso não impediu, porém, que interesses poderosos, ao que dizem, o constituissem um dos grandes advogados do Gr.: Or.: do Brasil.

Errou e bem póde ser que conscientemente. Maçonicamente, entretanto, desejamos paz á sua alma.

*

* *

O Dr. C. Lisle Carr, Capelão da Gr.: Loj.: de Inglaterra, foi installado, como Bispo, na diocese de Hereford. A' cerimonia compareceram centenas de Maçons, todos com os seus distinctivos.

*

* *

Na installação da Loj.: "Helvetica", n.º 4.894, de Londres, constituida de cidadãos suissos, houve discursos em inglez, allemão, francez e italiano.

Em 1930, foram amparadas 197 meninas pelo Orphanato Maçonico sustentado pela Gr.°. Loj.°. Actualmente, 1.250 meninas estão a cargo dessa instituição. Durante esse periodo, os Maçons inglezes contribuíram com 281.981 libras esterlinas para a manutenção desse Orphanato.

*

*

*

Em fins de 1930, o registro das Lojas, subordinadas á Gr.°. Loj.°. de Inglaterra, subia a 4.547, das quaes, só em Londres e suburbios, 1.102; 2.732 nas Provincias de Inglaterra e Galles e 706 no estrangeiro. Foram expedidos, em 1930, 18.593 certificados do Gráo de Mestre.

NOVA ZELANDIA

A Gr.°. Loj.°. de Nova Zelandia recebeu do Ir.°. F. S. Potter um donativo, em terras e immoveis, no valor de 50 mil libras esterlinas. Essa doação destina-se a Orphanatos e Asylos.

ESTADOS UNIDOS

Falleceu, recentemente, em S. Francisco, California, o Df. Ng Poon Cheu, Gr.°. 32º, fundador do primeiro jornal publicado, em lingua chinesa, na America. Fôra para os Estados Unidos, com seus paes, aos 14 annos. Era Membro da Academia Americana de Sciencias Politicas e Sociaes, da Associação de Economia Americana, da Liga Chinezinha de Justiça; publicára varias obras em que pugnava pelos interesses dos filhos do Celeste Imperio. Era membro do Consistorio de Oakland, pertencendo, tambem, ao Mystic Shrine.

* .

*

*

150.^a reunião annual da Gr.°. Loj.°. de Nova York, este anno, compareceram, especialmente convidados, entre outros, os seguintes IIr.°. idos, para esse fim, da Europa: Lord Anspthiel, 33º, Pro-Grand

Master da Gr.°. Loj.°. de Inglaterra; Lord Wraxall, Gr.°. Mestr.°. Provincial de Bristol; H. Shellard, Gr.°. Secr.°. da Gr.°. Loj.°. da Irlanda; E. H. Burne, da mesma Gr.°. Loj.°. ; T. G. Winning, Gr.°. Secr.°. da Gr.°. Loj.°. de Escocia; Nicholl, Gr.°. M.°. de CC.°. da Gr.°. Loj.°. de Inglaterra; Alex Solitander, Gr.°. Mestr.°. da Gr.°. Loj.°. da Finlandia; E. I. Papiniou, da Gr.°. Loj.°. da Romania.

Entre esses altos vultos maçonicos e os Iir.°. americanos, o assumpto principal das conversações entretidas foi o da cooperação universal maçonica pela paz.

*
* *

A Gr.°. Loj.°. de New York tem actualmente, em sua jurisdição, 1023 Lojas, com 374.000 membros. Em 1930, despendeu, pelo "*Fundo de Caridade*", 1.297.500 dollares (17 mil contos mais ou menos).

*
* *

Na cidade de Alma, foi inaugurado o Asylo Maçonico para invalidos. Custou cerca de dez mil contos a construção, devida a esforços exclusivos dos Iir.°. de Michigan, que são, sob sua Gr.°. Loj.°, 150.000. Ao lado do Asylo, está um Hospital com 60 leitos. O Asylo póde recolher 200 invalidos.

*
* *

O Ir.°. John P. Hazlett, fallecido recentemente em Ionngstown, Ohio, deixou, em testamento, para o Recolhimento Maçonico de Springfield, a quantia de 130.000 dollares.

TCHECO-SLOVAQUIA

Falleceu, em Praga, o M.°. Ill.°. Ir.°. Ladislau Syllaba, 33º, Log.°. Ten.°. Comm.°. do Supremo Conselho desse paiz. Era professor da

Universidade, Director da Escola de Medicina de Praga e autor de varias obras scientificas.

AUSTRALIA

Foi inaugurado, em Sidney, o novo Templo Maçonico, que custou cerca de 10 mil contos.

MEXICO

Em sessão especial, realisada pelos Corpos Subordinados do Mexico, o Presidente Ortiz Rubio foi iniciado no gr.º. 32º. Ao acto estiveram presentes, entre outros, os ex-presidentes Calles, Gil e Diaz; o General Joaquim Amaro, Ministro da Guerra; o General Perez Trevino, ministro da Agricultura; Aarão Saens, ministro do Trabalho; General José Maria Tapia, Chefe do Estado Maior do Presidente Portes Gil, etc.

O Ir.º. General Rubio esteve no Brasil; trouxe documentos de altos grãos que o nosso Sup.º. Cons.º. não reconheceu, de modo que esse Ir.º. só pode trabalhar, aqui, nos grãos symbolicos.

ITALIA

Em Roma foram substituidos os emblemas maçonicos, que existiam na estatua de Garibaldi, por emblemas fascistas. O monumento a Garibaldi recorda a queda do poder Papal. Este inqualificavel gesto fascista mostra como Mussolini se arrojava aos pés do Papa para destruir, ou, melhor, macular as glorias de Garibaldi e de Mazzini, cujos nomes, apesar desse ultraje, serão sempre a aureola daquella gloriosa liberdade implantada em Roma a 20 de Setembro de 70.

INGLATERRA.

A Maçonaria está muito espalhada na Inglaterra, a ponto de haver certa difficuldade em encontrar-se locais para o funcionamento de Lojas.

Com a venda do Hotel Cecil, adquirido por uma empresa commercial, muitas Lojas, que trabalhavam nos sumptuosos Templos e

salões existentes nesse Hotel, entraram em crise, pois não puderam, de prompto, recorrer a suas co-irmãs, pois todos os locais maçonicos não dispõem de um dia livre para ceder-lhes. Só no Café Monico, celebre pelos numerosos e magnificos Templos Maçonicos, trabalham mais de 200 Lojas.

*

* *

A Maçonaria européa, segundo o computo do Ir.°. Ossian Lang, conta actualmente perto de 225.000 membros, assim distribuidos: Alemanha, 79.000; França, 55.000; Suecia, 23.000; Grecia, 10.000; Noruega, 9.000; Hollanda, 8.200; Dinamarca, 7.000; Hespanha, 6.500; Suissa, 5.000; Yugo-Slavia, 1.000; Bulgaria, 400.

CUBA

Na Republica de Cuba existem perto de vinte e cinco mil Maçons, cuja actividade é exercida em duzentas Lojas Symbolicas e em cem Corpos Philosophicos, todos possuidores de esplendidos Templos e Cathedraes. Além desses edificios, os nossos Ir.°. cubanos mantêm Azylos, Bibliothecas, Escolas e outras instituições philantropicas, que mostram a perfeita realidade da verdadeira acção social da Maçonaria.

URUGUAY

Pela resolução de 12 de Outubro p. p., foram excluidas da Ordem, por deliberação do Gr.°. Or.°. local, as seguintes Lojas: "Razão", "Fenix", "Hermes", "Esperanza 3.ª", "Amigos Fieles", "Luz y Verdade" e "Amigos de la Verdade".

Em consequencia dos acontecimentos desenrolados no seio da Maçonaria do Uruguay, foram expulsos da Ordem os seguintes de seus Membros: Jaime F. Bravo, Francisco Montes, Eduardo H. Grauert, Francisco Lupinacci, Francisco Frangella, Gabriel Rematoso, Pablo Caderoso, Dámaso González, Ramón Rivas Maluzán, J. Canosa Martinez, Pedro L. Bercetche, Ricardo Ingold, Juan F. Pazos, Vicente Cadoppi, Francisco Pucci, Juan J. Prada, Emilio Sarthou, Atilio Mar-

chesse, José Mille, Alejandro Dell'Acqua, Felix Etchepare, José S. Sampietro, Luis Rodriguez Legrand, Alberto Hazan, Lindolfo Vásquez, Oreste Ferrari Terrero, Luis Avallone, Mario Genta, Anibal Mancebo Rojas, Angel Bahamonde e Adolfo Pereira.

*

* *

A revisão da Constituição do Gr.: Or.: está incluída no programma do actual governo da Maçonaria do Uruguay, afim de serem introduzidas modificações que tornem a sua legislação de accordo com as modernas orientações.

ARGENTINA

O Sup.: Cons.: da Argentina, confirmando sempre os seus propositos de conseguir, por todos os meios a seu alcance, a realisação tangivel de seus anhelos de paz e de concordia, acaba de resolver a separação dos poderes da Maçonaria Symbolica e da Maçonaria Philosophica, dando ao Symbolismo do R.: E.: A.: A.: inteira liberdade para curar de sua propria organização, quando julgar pertinente.

Este gesto do Supremo Conselho da Republica Argentina vem estabelecer em solidas bases a paz, tão almejada, e é uma manifestação nobre de sua inteira obediencia aos principios aceitos pelo ultimo Congresso de Supremos Conselhos. Eis, na integra, o Decreto sobre este magno assumpto:

“Considerando que a Conferencia Internacional IV dos Supremos Conselhos Confederados, reunida em Paris em 1929, sancionou o voto de ser conveniente que, nos paizes onde existem organizações azues ou symbolicas, os SS.: CC.: não intervenham na legislação, organização e administração desses Corpos Maçonicos.

O Sup.: Cons.: do Gr.: 33° da Republica Argentina

DECRETA

Artigo 1.º — A partir do dia 1 de Janeiro de 1931 fica maçonicamente separada a Ordem dogmatica do Symbolismo na Jurisdicção do R. E. A. S.: da Republica Argentina.

Artigo 2.º — Enquanto a Ordem Symbolica não dê a sua propria Constituição dentro das prescrições vigentes do Rit. ., o Sup. . Cons. . reconhece como unico corpo Regular Escocez para a Rep. . Argentina o presidido pelo Pod. . Ir. . Fabian Onsari, como Gr. . Mestr. ., com seus corpos legalmente organizados segundo a Constituição de 29 de Maio de 1911, Estatutos Civis de Agosto 4 de 1914, com as reformas de 10 de Janeiro de 1922 e Regulamento Geral de Abril de 1902.

Artigo 3.º — O mencionado Corpo convocará, quando julgar oportuno, uma Convenção Constituinte que dictará sua Constituição que só se promulgará quando esteja conforme com a reforma dos estatutos civis e approvada pelo Superior Governo da Nação.

Artigo 4.º — Communique-se e publique-se — (a) Aristodulo Soldano, 33º, Sob. . Gr. . Comm. . — W. H. Pott, 33º, Gr. . Canc. . Sec. . Gen. .

A Ordem de São Columbano

No Estado Livre da Irlanda, os padres catholicos organisaram a “Ordem de São Columbano” para combater a Maçonaria.

Essa criação é destinada a occorrer aos desejos que tem todo Irlandez de entrar para a Maçonaria, que o fascina, apesar de seu catholicismo.

A “Ordem de S. Columbano” é uma simples *macaqueação* da Maçonaria. Tem um ritual especial, signaes, toques, palavras de passe e de reconhecimento.

O “Dublin Star”, órgão catholico, está fazendo, entre os fieis, uma propaganda para que solicitem sua iniciação afim de fortalecer esse instituto, que se propõe a combater, com a maior decisão e firmeza, a Maçonaria e os Maçons.

O Estado Livre da Irlanda, é, em sua maioria, composto de catholicos; os protestantes ficaram com a outra parte da Irlanda, ligada directamente á Inglaterra.

AS CHAVES PERDIDAS DA MAÇONARIA

(Ir.°. Manly Hall — Bol. do Gr.°. Or.°. do Uruguay)

A Maçonaria é essencialmente uma Ordem religiosa. A maior parte de suas lendas e de suas allegorias são de sagrada natureza. E muito de Maçonaria se entrelaça no Christianismo.

Aprendemos a considerar nossa propria religião como a unica inspirada e isso explica, provavelmente, muitos dos mal-entendidos existentes, hoje, no mundo a respeito do lugar que occupa a Maçonaria na ethica espiritual de nossa raça. Uma religião nada mais é que um codigo de moral inspirado pela Divindade. Uma pessoa religiosa nada mais é que um ser humano que sente a inspiração de viver uma vida mais nobre e elevada de accordo com esse codigo de moral e com o qual se identifica por ser a fonte de sua illuminação.

Assim, pois, podemos dizer que christão é todo aquelle que aure seus ideaes espirituaes, sobre o justo e o injusto, da mensagem trazida por Christo, enquanto que buddhista é quem pauta sua vida pelo architypo de moral ensinada pelo grande Gôtama, ou por qualquer dos outros Buddhas.

Todas as doutrinas, que tratam de desenvolver e preservar essa invisivel chispa existente no homem e a que este denominou *Espirito*, são chamadas espirituaes. Aquelles que desconhecem este elemento invisivel e se consideram inteiramente no visivel são chamados materialistas.

Em religião existe um ponto de maravilhoso equilibrio: o ponto em que se encontram o materialista e o espiritualista; o plano da logica e da razão. A Sciencia e Theologia constituem os dois pontos extremos de uma mesma e unica verdade, mas o mundo só receberá o beneficio total de suas investigações quando ambas tenham feito a paz entre si e, unidas, cooperem para a realisação da Grande Obra: a libertação do Espirito e da Intelligencia das tumbas tridimensionaes da ignorancia, da superstição e do medo.

Tudo quanto proporcionar ao homem o conhecimento de si proprio só pode ser inspirado pelo EU; e Deus é o EU existente em

todas as cousas. Em verdade Elle é, ao mesmo tempo, a inspiração e a cousa inspirada. Diz-se, nas Sagradas Escripturas, que Deus era Verbo e que o Verbo se fez carne. A tarefa actual do homem é fazer que a carne reflecta a gloria desse Verbo, que está dentro de sua propria alma. Esta tarefa, esta Grande Obra creou a necessidade da religião, não de uma unica religião, mas de uma multidão de credos, cada qual realisando a investigação a seu modo e augmentando as necessidades individuaes dos differentes seres humanos. Cada um desses credos tangencia um ponto dos demais.

Doze companheiros estão explorando os quatro pontos do compasso. Não serão, por acaso, esses dozes companheiros as doze grandes religiões mundiaes, cada uma dellas buscando, a seu modo, aquillo que se perdeu nas passadas eras e cuja procura constitue a herança do homem? Não é, talvez, a investigação da Realidade, no meio de um mundo de illusões, a tarefa para a qual viemos a este mundo?

Estamos para lograr o equilibrio de um mundo desequilibrado: para descobrir a paz nesta vida inquieta; para rasgar o véo da illusão e matar o dragão de nossa propria natureza animal. Assim como David, Rei de Israel, deixou, em mãos de seu filho Salomão, o encargo que elle não poude executar, assim, tambem, cada geração deixa, nas mãos da que lhe succede, o trabalho de construir o Templo, ou, melhor, de reconstruir a morada do Senhor que está no Monte Moriah.

A verdade não está perdida, mas, ha, entretanto, necessidade de procural-a e enconral-a. A Realidade está, sempre, presente; carece de dimensões, mas está em toda parte. O homem, simples creatura de desejos e estados de animo, escravo de suas impressões e de suas opiniões, não póde, no errante desequilibrio de sua mente fogosa, aprender a conhecer aquillo que elle proprio não possui. A' medida que o homem adquire uma qualidade, para logo a descobre e reconhece, em seu derredor, aquillo que acaba de nascer dentro de si. O homem nasce com olhos, mas, apesar disso, só depois de longos annos de soffrimentos e dores, é que aprende a vêr claramente, em harmonia com o Grande Plano. Nasce com seus sentidos, mas só depois de uma larga experiencia e de infrutiferas lutas é que aprende a levar esses sentidos ao Templo, collocando-os, como offerenda, no Altar do Grande Pae, o Unico que faz bem todas as cousas e que tudo comprehende. O homem nasce, em verdade, no peccado da ignorancia, mas com a capacidade de com-

preender. Tem uma mente apta para adquirir sabedoria, um coração capaz de sentir e um braço forte para realizar a Grande Obra da vida: — a de desbastar e polir a pedra bruta para convertel-a na perfeita pedra cubica.

Que mais se póde pedir, a não ser uma oportunidade para demonstrar o que alguém é, o sonho que o inspira, a visão que o guia para a frente? Não temos direito de pedir sabedoria? Em nome de quem pedimos entendimento? Em que autoridade nos estribamos para pedir felicidade?

Nenhuma dessas cousas constitue herança de ninguém, mas, entretanto, todos podem tel-as, si cultivarem, em si mesmo, aquillo que desejam. Não ha necessidade de pedir, nem ha Deidade alguma que se incline para dar ao homem as cousas que deseja. A propria Natureza deu ao homem um dom, que é o privilegio do trabalho. Mediante o trabalho aprende todas as cousas.

As religiões são grupos de pessoas que se unem com o fim de aprender. O mundo é uma escola. Estamos aqui para aprender e o facto de aqui estarmos prova a nossa necessidade de instrucção. Todos os seres vivos estão lutando para romper os asphyxiantes laços da limitação, dessa apertada estreiteza que destróe a clara visão e deixa a vida sem ideal. Todas as almas estão absortas em uma Grande Obra — a Obra de libertar-se pessoalmente dos grilhões da ignorancia. O mundo é uma vasta prisão; suas grades de ferro é o Desconhecido. E cada um é prisioneiro até que alcance o direito de quebrar esses varaes e passar, illuminado e inspirado, para a Grande Obscuridade que, com sua presença, se volve para a Luz. Todos os povos da terra buscam o Templo onde móra Deus, onde o Espirito da Grande Verdade illumina as sombras da humana ignorancia, mas não sabem para onde se hão de dirigir nem onde está o Templo. As Trevas do Dragão os rodeam. Edades e edades de vacuidade mental os subjagam. As limitações os debilitam e estorvam seus passos. E, assim, vagam na obscuridade, buscando a luz, sem comprehenderem nem verem que a luz se encontra no coração dessa obscuridade.

Aos que O encontram, Deus se revela por si mesmo. E estes, por sua vez, o revelam aos homens, tratando de ensinar á ignorancia a mensagem da Sabedoria. Raro, porém, é o homem comprehender o mysterio que lhe foi revelado. Trata de, vaga e fracamente, seguir os passos

daquelles que O alcançaram, mas, frequentemente, encontra o caminho muito mais difficil do que imaginou, e, então, se ajoelha aos pés da montanha, que é incapaz de galgar, e do cume de onde brota a luz, que não pôde, por falta de forças, alcançar, e nem, por não ser bastante sabio, compreender. Vive a lei tal como a conhece, temendo, sempre, no fundo de si mesmo, não haver lido bem as igneas letras do firmamento e de, ao tratar de viver na letra da lei, matar o espirito. O homem se inclina, humildemente, ante o desconhecido, povoando as sombras de sua propria ignorancia com santos e salvadores espectros e phantasmas, deuses e demonios. A ignorancia a tudo teme e cae, morta de terror, ante a rajada do vento que passa. A superstição se ergue como um monumento da ignorancia, e ante ella se ajoelham os dominados pela propria fraqueza; os que vêm, em todas as cousas, a fortaleza que não possuem; os que dão ás pedras e aos espinhos o poder de feril-os e transformam as bellezas da Natureza em imaginarios monstros e dragões. Em troca, a Sabedoria nada teme, embora se incline, humilde, ante sua propria fonte. Emquanto a superstição odeia a todas as cousas, a Sabedoria a todas ama, porque viu a belleza, a ternura e a doçura que se occultam no Mysterio da Vida.

A Vida é o espaço de tempo destinado á realisação. Cada momento fugitivo é uma oportunidade, e são grandes aquelles que reconheceram a Vida como a oportunidade para todas as cousas. As artes, as sciencias e as religiões são monumentos que attestam o que a Humanidade já realisou. São como memorias da mente do homem em seu desenvolvimento, mediante as quaes, o ser humano passa a realisar methodos cada vez mais efficientes para attingir á posse dos resultados prescriptos.

Benditos, os que podem tirar proveito das experiencias dos demais e são capazes de reunir, ao que já está construido, a sua propria inspiração realisada, seu sonho effectivado. Os que dão ao homem aquillo que elle necessita são, raras vezes, devidamente apreciados em seu tempo, mas, mais tarde, se os reconhece como salvadores da raça humana.

A Maçonaria é uma estructura construida com experiencias. Cada pedra é um passo encadeado no desenvolvimento da intelligencia. Os sacrarios da Maçonaria estão adornados de joias de milhares de edades; seus rituaes resoam com palavras de videntes illuminadas e sabios.

reaes. Sobre seus Altares, cem religiões depositaram seus dons de sabedoria. Sciencias e artes innumeradas contribuíram para seu symbolismo. E' mais que uma fé — é um caminho de certezas. E' mais que uma crença — é um facto.

A Maçonaria é uma Universidade que ensina as artes liberaes e as sciencias da alma a todos os que prestam attenção a suas palavras. E' uma sombra da Grande Escola de Mystérios da Atlantida, que se mantinha, em pleno esplendor, no mesmo sitio onde, agora, as ondas do Atlantico rolam, turbulentas ou pacificas, reflectindo, em suas aguas, o esplendor do sol.

As cathedras da Maçonaria são assentos de sabedoria e de aprendizagem; suas Columns sustentam o arco da educação universal, não só das cousas materiaes como, tambem, das qualidades do espirito. Sobre sua tabôa de traçar e seus pavimentos de mosaicos, estão inscriptas as sagradas verdades de todos os povos e de todas as nações, e, para os que conhecem suas immensas profundezas, começa a despontar, como uma aurora, a grande realidade. A Maçonaria é, em verdade, aquillo que se perdeu, ha tanto tempo, e que todos os povos vêm procurando em todas as edades. A Maçonaria é o denominador e o divisor communs de todas as aspirações humanas.

A maior parte das religiões do mundo são procissões: um encabeça e os demais o seguem. Atraz das pegadas dos semi-deuses, o homem segue em busca da verdade e da illuminação. O christão marcha atraz do meigo Nazareno pelo serpenteante caminho do Calvario. O buddhista segue o seu grande emancipador atravez de seu caminhar pelo deserto. O mahometano faz sua perigração, atravez dos desertos areaes, até a negra tenda de Méca. A Verdade guia e a ignorancia trata de seguir seus passos. O Espirito resplandece nas pegadas, a materia segue atraz. No mundo de nossos dias, os ideaes vivem, apenas, um momento em toda a sua pureza, antes que as hostes triumphantes das trevas afoguem a resplandecente centelha. Mas, entretanto, a Escola dos Mystérios permanece immutavel; não leva sua luz ao homem; é o homem quem deve levar sua luz a ella. Os ideaes que vêm do mundo se convertem em idolos ao fim de poucas horas, mas, o homem, ao penetrar pelas portas do sanctuario, transmuda os idolos em ideaes.

O homem está subindo uma intermina encosta com os olhos fixos

na méta, que se perde no cimo. Muitos não pódem ver a méta, e só um ou dois escalões são visiveis deante delles. Aprendeu, entretanto, uma lição da qual, conforme edifica seu proprio character, obtem a força necessaria para subir a ingreme ladeira. Dahi, ser o Maçon o constructor do Templo do Character. E' o architecto de seu mysterio sublime — o Templo resplandecente e myrifico de sua propria alma. Compreende que serve melhor a Deus quando se une e coopera com o Grande Architecto para edificar mais nobres construcções no universo inferior. Todos os que, por seus esforços constructivos, procuram chegar á Mestrança, são Maçons de coração, sem nada importar a seita a que pertençam, ou suas crenças religiosas. Um Maçon não é, necessariamente, um membro de uma Loja Maçonica. Maçon é toda pessoa que trate de viver, diariamente, a vida maçonica, servindo e cooperando, intelligentemente, com as necessidades do Grande Architecto. O Irmão Maçon se compromette a auxiliar e ajudar a todos os demais constructores do Templo, em qualquer necessidade ou situação extrema a que a vida possa leval-o, e, ao prestar este juramento, se compromette a tudo dar: pedra, madeira e animal, Deus ou homem, porque todos são constructores do Templo, que estão edificando, sempre, mais nobres e mais elevados sacrarios para adorar ao Deus Universal.

A Loja Maçonica é uma Escola de Mystérios, um lugar onde se arranca o candidato das loucuras e illusões do mundo para instruil-o nos mysterios da vida e na identidade desse germen de essencia espiritual, que nelle se encontra e que é, na verdade, o Filho de Deus, o mui amado Pae. O Maçon contempla seriamente a vida, compreendendo que cada momento mal empregado é uma oportunidade perdida, e que o Omnipotente só póde ser attingido pelo esforço e pela intelligencia ininterruptos. Sem outra consideração, reconhece a fraternidade universal das cousas vivas. As mãos unidas de sua Loja reflectem a actividade no mundo inteiro, porque elle é o camarada de todas as cousas creadas. Compreende, tambem, que seu espirito é uma joia fulgente e deslumbrante, que deve encerrar no sacrario de um Templo Santo, construido pelo trabalho de suas mãos, pelas meditações de seu coração e pelas aspirações de sua alma.

A Maçonaria é uma religião caracterisada por sua absoluta carencia de credo. E, devido a isso mesmo, é tanto mais certa e mais verdadeira. Seus Irmãos se inclinam, respeitosamente, ante toda verdade,

independentemente de proclamal-a. Seus servidores dá Luz, em vez de se disputarem os pelejarem, acercam-se de quem a traz. E, desta forma, provam que estão tratando de conhecer melhor a vontade e os ditames do Unico Invencivel. No mundo, não existe religião mais verdadeira do que esta que faz com que todas as creaturas se unam fraternalmente, com o fim de glorificar a um Deus e construir, para Elle, um Templo formado de pensamentos constructivos e de um caracter nobre e elevado.

A Republica na Hespanha e a Maçonaria

“Le Droit”, jornal canadense que, evidentemente, é orientado por catholicos, publicou, a 15 de Abril ultimo, em suas columnas:

“A Maçonaria, que é a verdadeira orientadora da politica nos estados modernos, acaba de obter uma victoria na Hespanha, para a qual trabalhava ha muitos annos. A conspiração contra o throno e contra a pessôa do Rei era inspirada pelas Lojas maçonicas. Depois de conquistar adeptos entre os intellectuaes e pessôas de posição social, passou a trabalhar entre os communistas e, com isso, conseguiu vencer as ultimas eleições municipaes. A parte que os Maçons tomaram no *coup d'état* e de como elles tinham segurança no exito póde ser avaliado pelo facto de ser todo o novo Gabinete constituido por Maçons”.

Tudo quanto se lê acima é pura fantasia do orgão canadense. Nem Alcalá Zamora nem qualquer dos seus companheiros pertence á nossa Ordem. Aliás, a Maçonaria na Hespanha é fraca. Fraca pelo numero e pela importancia financeira. Grande ella é, e forte e poderosa pelo alto valor dos elementos que ornarn as suas Columnas e que resistiram, heroicamente, desde ás suas origens, a todos os governos tyrannicos que escravisaram a terra de Cervantes.

Mas, é assim que os catholicos escrevem a historia. . .

O maçon deve ser tolerante

A tolerancia é uma das virtudes fundamentaes, basicas, do bom Maçon, porque é inherente aos ensinamentos da Maçonaria.

Não podemos ser tolerantes sem que sejamos fraternos, porque a fraternidade não póde existir onde se não tolera, de modo racional, a opinião e o direito alheios.

O fanatismo — inteiramente opposto á tolerancia — é uma das miserias moraes que tem opposto os maiores obstaculos ao progresso do homem e, portanto, da humanidade.

Antagonismos de todas as classes, — religiosos, politicos, economicos, sociaes, — têm perturbado o mundo desde as remotas éras, por não se ter uma compreensão das relações que deveriam existir entre os individuos, entre os póvos.

Si pesquisarmos a razão de muitos excessos historicos, veremos que não eram, absolutamente, justificados, sendo, em grande parte, produzidos por causas passionaes, quando não por baixos interesses, que impediram, sempre, a mutua compreensão dos grupos oppostos. E esses excessos constituem, em grande parte, o tecido da historia.

Temos que saber vêr, isto é, apreciar a bondade das idéas contrarias ás nossas, reconhecer as qualidades do adversario ou do inimigo; teremos em conta que nenhum homem, por mais sabio que seja, possui toda a verdade, mas um minimo fragmento della, e que, assim como não é possivel a posse absoluta da verdade, impossivel é, tambem, incorrer no erro absoluto.

Reconhecemos quão difficil isso é para os juizos humanos, geralmente, inexactos e frageis; podemos, porém, chegar a este ponto, de onde parte todo o progresso espirital, insistindo, constantemente, em olhar e considerar as linhas de contacto que nos unem com os demais homens e, fechando os olhos aos que delles nos separam, apreciar o que de bom existe em nosso proximo, sem nos atermos ao mal, porque, do contrario, nunca poderíamos encontrar o caminho que conduz a seu coração.

Tudo isso nos ensina a Maçonaria com a sua moral tão elevada quão pratica, cujas lições estudamos no seio das Lojas.

Convem, porém, distinguir entre tolerancia passiva e tolerancia activa.

A primeira cruza os braços ante as exigencias impostas pelo dever colectivo, por supposto e falso respeito ao que pensam, dizem e fazem os demais; isso não é tolerancia, mas, preguiça, debilidade e covardia.

A verdadeira tolerancia é lutadora, trabalhadora e militante, sem, jamais, descer aos baixos rancores pessoases, sem deprimir a dignidade e o direito humanos; sem lesar os fóros da cultura, proclama o que crê ser verdade e trabalha serena e honradamente, sob esse ponto de vista, para melhorar as condições do ambiente em que se vive.

Gravemos essa virtude apostolica no branco estandarte de nossa Fraternidade.

(Do Bol. do Gr.º. Or.º. Espanol).



A Maçonaria na Dinamarca

Ha varios annos ,existe, na Dinamarca, um corpo maçonico que se intitula Supremo Conselho do 33º gráo para a Dinamarca. Dizia-se que esse corpo se originára de um antigo Capitulo de Rosa Cruzes, que suspendera seus trabalhos em 1906, renovando-os em 1919, com patentes de um Grande Oriente estrangeiro.

Outro corpo, attribuindo-se, tambem, as prerogativas de Supremo Conselho, fôra formado. Unidos, em 1909-1910, receberam patentes do Grande Oriente e Supremo Conselho da Italia.

A Grande Loja da Dinamarca jamais reconheceu a legitimidade desse corpo. Na Conferencia Internacional de Paris, em 1929, seus despachos telegraphiccs não foram tomados em consideração. As ultimas noticias dizem que, deante desse fracasso, esse Supremo Conselho dissolveu-se e os Irmãos de bôa-fé, que o constituíam, estão trabalhando para crear, regularmente, dentro das Leis que regem o Rit.º. Esc.º. Ant.º. e Acc.º., um Corpo que possa ser reconhecido pela futura Conferencia de Havana, em 1934.

E é dessa maneira que a Maçonaria espuria vae desaparecendo, para dar lugar á verdadeira e legitima Maçonaria.

VIDA MAÇONICA

(Ir. . E. A., em "Acacia" de Porto Rico)

Denomina-se vida maçônica a interpretação pratica dos principios e dos ensinamentos da Maçonaria.

Poder-se-á objectar que as normas doutrinarias concernentes a essa interpretação não são exclusivas de nossa Ordem, desde que, também, se encontram em systemas religiosos e de ethica conhecidos até hoje, sendo, portanto, differença, unicamente, de nome. No fundo, porém, tal não existe.

A Maçonaria é, antes de tudo e sobretudo, um código de moral pratica applicado ao viver diario. Sua actuação se desenvolve, de modo constante, no plano das realidades positivas. Seu fim é Trabalho, Labor.

Em outras fraternidades, as abstracções metaphysicas occupam proeminente lugar na vida dos adeptos; para logo, isso é de vital importancia, porque os problemas do universo e do ser ferem as mais intimas fibras da natureza humana, mas, a Maçonaria, sem desconhecer nem descurar seu estudo, busca, fundamentalmente, tornal-as accessiveis, até onde o possam ser, ás multiplas lutas do mundo em que vivemos, para depural-as e enobrecel-as, imprimindo-lhes uma orientação fraternal, que traga, quanto antes, o reinado da paz sobre a terra.

Em todos os mythos religiosos, o conceito que formamos de Deus evolue em um aspecto ternario: Vontade, Sabedoria e Amor. A psychologia humana reflecte, deste modo, num schema primario, essa manifestação primordial da trindade divina. As escolas espiritualistas admittem, também, os graduaes desenvolvimentos da Unidade Suprema na multiplicidade, na variedade e, segundo as cores que cada religião e cada escola traz ao caudal do conhecimento, assim também prepondera nellas um determinado aspecto de nossa concepção acerca de Deus. A Maçonaria tem, portanto, o seu matiz peculiar. Ella vê Deus, principalmente, sob o aspecto Vontade. Na doutrina e no symbolismo maçonicos, Deus actua especificadamente como creador, como constructor; é o Demiurgo, o Grande Architecto do Universo. Assim, a virtude que caracteriza ao Maçon é a virtude do trabalho e seu evangelho, é um evangelho de acção.

O que escolhemos, idealmente, para cooperar no progresso do mundo? Um officio. Quaes são nossos instrumentos de trabalhos? Uma regua, um esquadro e um compasso. Em que se exercitam nossas actividades? Em desbastar, contornar e pullir a pedra bruta. A que tende a nossa Obra? A construir o edificio do amor universal, de tal modo que nosso humilde labor architectonico corresponda, em todos os seus pormenores — ordem, solidez, belleza, harmonia — ao Plano sublime do Grande Architecto.

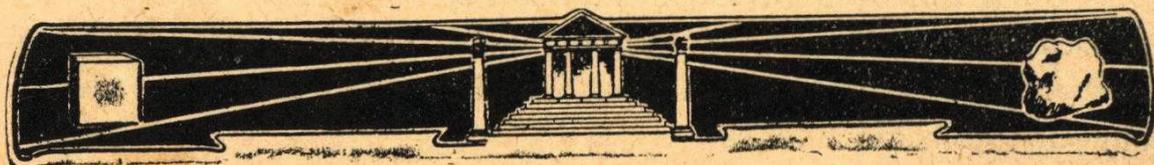
Reduzindo a questão a termos claros, o Maçon é um constructor, um trabalhador, tanto no dominio material como no moral. Do contrario, não será um verdadeiro maçon; tem de pôr altruismo, desinteresse, sympathia naquillo em que trabalha, porque é trabalhador exclusivamente para si e para os seus; seu egoismo o expulsa inteiramente da grande familia universal de que faz parte, muito embora seja um observador do ritualismo maçonico. Os peiores inimigos da Maçonaria e do Maçon são o ocio, o prazer, a preguiça e, com estes, a fraqueza de propositos, a indisciplina e o afan de lucro.

A vida maçonica requer, sobre todas as demais, uma constante pratica das virtudes cooperativas e sociaes, porque todas ellas constituem a argamassa com que unimos e solidificamos o material de nossas bôas obras.

E o trabalho interno nas Lojas, longe de ser decorativo, artificial, é um labor de essencial importancia, por isso que nos prepara cuidadosamente para ajudar a nosso proximo e a todos quantos vivem, na mais ampla medida de nossa capacidade e de nossos meios.

Por alguma cousa se chama a Loja de Officina.

Porque cada Loja é uma verdadeira officina onde se forja e modela o character do maçon, para que seja um soldado do bem, para que saiba discernir o que é o bem do que é o mal e aprenda a cumprir seu dever, ainda que á custa dos maiores sacrificios.



ROSA-CRUZES

A historia da Fraternidade dos Rosa-Cruzes confunde-se com a da evolução do mundo e da regeneração espiritual da alma e do corpo.

Muito embora cada membro possua, individualmente, sua historia e suas experiencias particulares no labutar terreno, as vidas de todos os membros dessa Fraternidade se unem nos pontos essenciaes do dominio da natureza inferior e da florescencia da superior.

Carregando a cruz dos soffrimentos, onde crucificam o proprio egoismo, e, até, a personalidade; morrendo para os desejos e para as illusões mundanas, todos buscam, como a rosa beijada pelos primeiros raios do sól nascente, desenvolver as faculdades espirituaes de sua alma para a conquista das palmas da victoria.

Descrever com palavras o logar ou *estado* em que vivem os verdadeiros Rosa-Cruzes é impossivel, tal a sublimidade que o enche, porque, desde o vestibulo do Templo, se verifica ser uma região de felicidade infinita. E, nesse esplendor, existe uma irradiação de luz sempiterna sob cujos raios cessam os esforços do pensamento e o exercicio da imaginação. Ahi só se deduz consequencias logicas sobre o desconhecido, por isso que essa luz é a fonte de todo conhecimento puro, em cujo seio viver é perceber e perceber é saber. As impurezas não penetram nesse paraíso de elevada consciencia; o “carnal” não encontra, ahi, logar, porque os seres espirituaes que habitam esse reino são feitos da carne e do corpo do “Christo”, isto é, da substancia da alma espiritual. São seres que, embora a elevada consciencia espiritual e com direito ao *Nirvana*, permanecem na terra, por compaixão pela humanidade, invisiveis ás vistas mortaes e vivendo no plano astral de nosso planeta.

Assim, nestas singelas palavras, fica definida a Ordem da “Rosa-Cruz”.

REGRAS DOS ROSA = CRUZES

Amar a Deus sobre todas as cousas

Implica em amar a Sabedoria e a Verdade, obedecendo as leis de Deus. Para essa consciente obediencia, necessario é ter conhecimento da lei, o que só com a pratica se adquire.

Dedicar a vida inteira ao progresso espiritual

O espirito humano deve, como o sól que derrama seus raios sobre puros e impuros, enviar um raio mental á materia, afim de conhecer tudo que é terrestre, sem, entretanto, se deixar absorver pelo objecto percebido ; sem perder sua consciencia divina.

Ser completamente desinteressado

Como o conhecimento espiritual principia onde acaba o egoismo e a illusão de se poder viver separado da humanidade, é, nesse momento, que o homem começa a compreender sua verdadeira natureza, ou melhor, o poder divino universal e auto-consciente que o cerca.

Ser paciente, modesto, energico e silencioso

Pela porta do “contentamento” só passam os que caminham erectos, conscientes de sua dignidade humana, porque a energia tudo realisa. As harmonias divinas só ferem o ouvido interior quando ha completo silencio, isto é, quando repousam todos os pensamentos e todos os desejos.

Aprender a conhecer a origem dos “metaes” contidos em si mesmo

Como a ignorancia é a causa do soffrimento, sacrificar o material para resuscitar o espiritual.

Guardar-se dos impustores e dos charlatães

Aquelle que se jacta de possuir todos os conhecimentos nada sabe, por isso que só é sabio aquelle que tem nos labios a “Palavra da Sabedoria”.

Viver em constante adoração ao supremo bem

O verme se rebolca nas podridões e se delicia no lodo, mas o condor livre alça seus vôos soberbos para o sol.

Aprender a theoria antes de se dedicar á pratica

Viajar, conduzido por guia, é mais seguro que aventurar-se ás incertezas dos caminhos, sem alheias experiencias.

Ser caritativo para com todos os seres

Unidos pelo espirito, os seres se differenciam, apenas, pela illusão da forma. Assim, a compaixão para com outra *forma* da Vida Una universal protege o proprio eu dos soffrimentos.

Estudar os antigos livros de Sabedoria

O livro é para o homem inexperiente o que o leite é para o recém-nascido. Antes que possa ir á fonte das aguas vivas de seu proprio ser beber a agua da verdade, preciso é se alimentar pelas mãos e pelos carinhos alheios.

Esforçar-se por compreender seu significado occulto

Somente os olhos espirituaes percebem o espiritual.

*

*

*

Nestas onze regras, se condensa o essencial necessario aos que aspiram penetrar no Templo da Rosa - Cruz, onde seus Membros possuem a ultima regra —o ARCANO —, depositario dos grandes poderes, só conhecido dos que merecem. Com seu auxilio, o homem póde encontrar a luz nas trevas e ser guiado, por mão amiga, nos labirintos da vida. Intraduzivel nas linguas vivas, esse ARCANO se transmitta de *coração a coração*, e, por maior que sejam as torturas que soffrer, o Rosa-Cruz jámais o revelará, e, mesmo que o deseje, não o compreenderão os indignos de recebê-lo.



O Favoritismo e a Maçonaria

(*Gaston Weil, em "Le Symbolisme", de Junho 1931*)

Talvez fosse bom precisar a attitude que deve tomar a Maçonaria e, em particular, os encarregados de dirigir sua acção, em face dos pedidos feitos por Maçons desejosos de obter quer a reparação de uma injustiça, já uma vantagem, já um favor.

Favorecida pelos acontecimentos, a Maçonaria pôde ter alguma influencia sobre o poder publico. Convem examinar até que ponto pode ella se utilizar dessa influencia.

No discurso que pronunciou, na abertura do penultimo Congresso, nosso inexquecível Grão Mestre Maurice Monier, constatando que o augmento consideravel de correspondencia chegada á Secretaria da Grande Loja, após as eleições legislativas, era motivado, em parte, por pedidos de recommendação em favor de funcionarios publicos, chamou para o caso a attenção das Lojas e convidou-as a só transmittirem á Secretaria os pedidos de intervenção concernentes a injustiças a reparar.

A Maçonaria não saberia, com effeito, contribuir, de modo algum, para desenvolver o favoritismo que impera nas administrações sob certos regimens e contra o qual um grupo de funcionarios se ergue, justificadamente, principalmente depois que elles se inspiram no espirito syndicalista. O favoritismo é um attentado feito aos direitos dos funcionarios; é uma violação dos principios de equidade e de justiça que podem, por si sós, assegurar o desenvolvimento normal das carreiras administrativas.

O favoritismo não é um methodo administrativo e os serviços só se prestam sob a pressão de autoridades que têm sobre elles uma acção, a que não podem fugir. E' muito difficil aos homens politicos que detem o poder resistir energicamente ás recommendações que lhes dirigem os parlamentares que, incumbidos precisamente de controlar suas gestões, têm ahi um meio de intimidação contra o qual a rigidez das regras de promoção e de recrutamento dos funcionarios não basta, sempre, para proteger os governantes.

Entretanto, é preciso pôr fim a praticas que não saberia approvar. De outro lado, o respeito aos principios de justiça exige que a Ma-

çonaria se levante contra os attentados que lhe fazem e de que podem soffrer muitos de seus membros. Toda intervenção tendo por fim chamar a attenção dos poderes publicos, para delles obter reparação, um direito violado ou desprezado, será, pois, legitima. Mas para que um trabalho nesse sentido seja justificado, convem ter-se, primeiro, a certeza de que o prejuizo causado é real.

O favoritismo, que tyranisa em todas as administrações, infesta tambem nos exames e nos concursos, e François Albert, em um debate sobre a reforma do ensino, demonstrou, de uma maneira tão espirituosa quão exacta, que “todo mundo sendo empistolado, todos os pistolões se annullam”. “A recommendação, accrescenta, é um mal muito grave, porque é um mal imaginario. O Deus pistolão pertence á mais authentica mythologica.”

A Maçonaria só tem um dever: se interessar pelos funcionarios mercedores.

E' preciso, porém, não perder de vista que as garantias introduzidas nos estatutos dos diversos quadros administrativos tendem a substituir a responsabilidade collectiva das Commissões á responsabilidade individual dos chefes, cujo poder se acha, assim, diminuido. Si, pois, acontecer que um de nossos Irmãos se encontre abatido nas esperanças fundadas que tinha sobre o trabalho da Maçonaria, não deve accusar á Grande Loja de negligencia e lhe censurar um cheque de que não poderia tornal-a responsavel.

O Rito Escocez, particularmente, fiel observador da Tradição, se afasta de toda politica militante, julgando que o interesse do paiz deve preterir ao de todas as partes.



A lei do silencio

A primeira lei de toda iniciação verdadeira é a lei do silencio.

Os padres egypcios crearam o symbolo do Deus Harpocrate, que era todo olhos e orelhas, mas cuja bocca estava fechada, para mostrar que, das cousas que se pode ver e ouvir, poucas existem que precisam

ser divulgadas. Mais tarde Apuleo disse: “Nenhum perigo poderia jamais me obrigar a revelar aos profanos as cousas que me foram confiadas sob o sello do segredo”. E o ensinamento esoterico dos mysterios de Isis, dos mysterios de Eleusis e de todos os mysterios, mesmo o da fé christã dos primeiros seculos, era dado, longe dos profanos, sob o sello do segredo.

Como é preciso comprehender esta lei do silencio?

Ella responde á necessidade que priva todo espirito humano superficial, ambicioso de dar-se, a seus proprios olhos, uma importancia que não tem? Não. As Sociedades Iniciaticas foram atacadas, neste ponto, injustamente; o silencio que ellas impõe a seus membros é a arma de que se servem para ataca-los e procurar atemorisa-los.

Os mysterios da Maçonaria, por exemplo, são abertos a todo homem de bôa vontade. Elles não occultam nada de temivel, de immoral nem de subversivo e, entretanto, a Maçonaria recommenda o silencio a seus adeptos. Porque? E' que o ensino que ella dá não deve ser dado aos incapazes e aos espiritos sem profundeza. Não lançai perolas aos porcos, dizia Christo, ha dois mil annos.

O ensino iniciatico não é o que se desenvolve e cresce nas reuniões mundanas, nas conversações ridiculas dos “Cafés”, no tumulto, tão vão quanto morbido, das reuniões publicas. O ensino iniciatico se dá e se recebe no silencio da alma; elle lança seus alicerces na meditação solitaria. E' no recesso mais secreto do espirito que elle se eleva como uma columna cujo frontão se perde na luz.

Não é gesticulando, pregando, ruidosamente, principios que se chega a um resultado; é meditando no silencio, longe dos olhares indiscretos. Toda idéa divulgada torna-se presa da multidão profana e ignorante, tanto quanto irrespeitosa, que a tritura e a tortura a seu modo, para della fazer um monstro tão terrivel quão inesthetico.

Eis uma das razões da lei do silencio. Outras existem; esta, porém, é primordial.

C. CHEVILLON

(Dos “Annaes iniciaticos”).



Os Mystérios Antigos e a Maçonaria Moderna

(Rev. Carlos H. Vail)

(Continuação)

A adaptação dessas datas á vida historica e materializada dos Grandes Salvadores não tem outra explicação logica que a de que se derivam do symbolismo solar. O facto dos ritos iniciaticos e os do Mytho Solar symbolisarem a mesma cousa, representando aquelles, primariamente, o crescimento da alma e, secundariamente, a actuação do Logos, e *vice-versa*, era perfeitamente natural, principalmente porque, durante os equinoxios e os solsticios, se celebravam os Mystérios e se administravam os ritos da Iniciação. Assim, o Christo Mystico e o Mythico contribuíram para se forjar a historia evangelica que todos conhecemos.

As historias do mytho solar repetiram-se em differentes épocas, contando-se-as e tornando-se a contar-as quando apparecia cada Grande Instructor — lendas dos Krishna, Buddha e Christo Mysticos —, mesclando-se com a historia de cada um e crystalisando-se em torno do personagem historico. Tenha-se, entretanto, em conta que essas narrações materializadas pertencem e se referem, especialmente, á vida do Filho do Homem, titulo distinctivo de um officio e não de um individuo. Quando o homem alcança o estado de Christo, a historia do Logos no Sól é a sua, porque os factos representados nessa historia realisaram-se, inteiramente, na vida espiritual do iniciado.

Vimos, já, de que modo nasce e surge a historia da morte, do enterramento e da resurreição dos Salvadores crucificados. A tendencia materialisadora do homem, baseando-se no Mytho Solar e nos ritos iniciaticos, deu origem, em cada religião, á narração historica de seu Salvador particular, o qual, sempre, nasce de uma virgem, é crucificado, resucita dos mortos e, por fim, ascende ao céu. Ha, entretanto, quem opine que a historia vulgar poderia ter sido imaginada pelos iniciados, com o fim de divulgarem, por meio de symbolos, os segredos

dos Mystérios. Em ambos os casos se symbolisa a vida interna e se expõe, figuradamente, o ensinamento occulto da Gnosis. Mas, o verdadeiro significado dos ensinamentos symbolicos do Mytho e do Ritual se perdeu, na realidade, de vista, pois, a gente crê que as narrativas se referem á vida physica e historica de um determinado individuo. Não obstante, alguns começam a crêr que os ensinamentos symbolicos da morte, enterramento e resurreição representam a evolução da alma.

A vida de Jesus vae envolta, qual a de Buddha, Krishna e outros iniciados, nas roupagens do mytho do Logos. Os factos salientes da vida desses homens excelsos correspondem aos acontecimentos principaes do Mytho Solar. Os symbolos, uma vez materializados, foram sendo attribuidos a cada Instructor, produzindo essa semelhança de suas biographias, o que tanto nos surpreende.

Não percamos, tão pouco, de vista que o nascimento, o baptismo, a transfiguração, a morte, a resurreição e a ascensão fossem factos reaes da vida historica de todo iniciado, já que esse drama se repete, sempre, em toda alma que se converte em Christo.

As narrativas do evangelho não foram, originariamente, mais que ficções de que se valeram os iniciados para dar ensinamentos espirituaes; os bispos das igrejas externas não possuíam, porém, a chave decifradora de seu profundo significado interno e acceitaram as ficções como historia real. Diz-se que “o documento em que se basearam os evangelhos canonicos relatava uma vida ideal que servia para a propaganda, vida que, mais tarde, se explicava mais detalhada e profundamente aos que estavam em condições de se instruirem na natureza do mysterio do Christo. Sobre certo aspecto, este relato se baseava em algumas tradições dos factos historicos de Jesus, as quaes se transformaram, ás vezes, á luz da doutrina dos mysterios. As allegorias e as parabolas envolviam os factos dos mysterios, de tal fórma que o que a nós parece um desconcertante palavrório, foi considerado, por seu autor, como um modesto esforço feito para simplificar as verdades espirituaes da vida interna, exposta em fórma de “novella historica”, que era um dos methodos naturaes do apocalypsis” (*Viveu Jesus cem annos antes da éra christã?* Mead, pag. 422).

O autor dessa novella jámais acreditou que sua narrativa fosse tomada em sentido differente do a que se propunha, ou seja, como symbolo; mas, ao applicar-se seus relatos canonicos, a historia original se adornou com lendas e dogmas historicos.

E, dessa maneira, a doutrina mystica chegou a ser aceita, primeiramente, como historia e, finalmente, como dogma. Ireneo foi dos que, principalmente, contribuíram para o desenvolvimento dos dogmas. Os Gnosticos affirmavam que elle e todos os que aceitavam a interpretação literal não conheciam a origem e o significado dessas cousas. Papiro e Marcion, escriptores anteriores a Ireneo, insistiam em que as escripturas evangelicas não podiam ser consideradas como méra historia. Os gnosticos sabiam como se formaram esses escriptos e possuíam “uma memoria das cousas que se fizeram e se disseram nos tempos primitivos, olhando, com assombro, as estreitas e baixas crenças que os bispos das igrejas externas impuzeram á Christandade como unicas verdades da revelação christica... Esta opinião dos gnosticos, igual a dos homens anteriores a Justino e Ireneo, se encontra, ainda, *sub judice* ante o tribunal da historia. Ella significa uma reconstrucção total da historia das origens.” (G. R. S. Mead em *Theosophical Review*, Março, 1906).

Os gnosticos não criam que as lendas evangelicas fossem historicas mas, sim, as consideravam como symbolos dos processos cosmicos e do drama da iniciação. Disse, já, que os Gnosticos não aceitavam como factos historicos a crucificação e a resurreição de Jesus. Justino Martyr disse, tambem, que a igreja primitiva não compreendia essas cousas em seu sentido literal, e, acrescenta: “E quando dizemos que o Verbo (Logos), que é a primeira manifestação de Deus, foi engendrado sem relações sexuaes que elle (Jesus Christo, nosso Mestre) foi crucificado e morto e que resuscitou e ascendeu aos céus, não vos expomos nenhuma cousa que ainda não conheçais, vós que os chamais Filhos de Zeus. Porque vós sabeis quantos filhos attribuem a Zeus os vossos escriptores mais celebres, por exemplo, Hermes, o Verbo (Logos), que foi o interprete e o mestre de todos, e Asclepio que foi, tambem, um curandeiro e a quem matou a scintilha (de seu Senhor) e ascendeu aos céus... (e muitos outros)” (Citado em *Thrice Graet est Hermes*, de Mead, tomo III, pag. 217).

Justino affirmã que os Christãos não produziram cousa alguma nova nas doutrinas da morte, resurreição e ascensão do Christo, “que já não conheçais vos outros, que os chamais filhos de Zeus”. Assim, pois, essas doutrinas, conhecidas por todos os que alcançavam o estado de filhos de Deus, se ensinavam em todos os Mystérios. Os que não eram iniciados não podiam compreender estes mysterios e, por isso, Justino

chama os “Filhos de Zeus” e lhes assegura que não têm nenhuma nova doutrina a ensinar. Isto é prova evidente de que, nos tempos de Justino Martyr, ou seja, entre os annos 140 e 160 depois de Christo, alguns não consideravam como factos historicos essas grandes realidades espirituaes da vida mystica.

E Justino acrescenta: “Mas, quanto ao Filho de Deus, chamado Jesus, tenho a dizer que, embora fosse somente um homem (nascido) como os demais, é digno, por sua sabedoria, que se lhe chame Filho de Deus, pois todos os autores chamam a Deus o Pae dos homens e dos deuses. E si, além disso, dissermos que Deus o engendrou de maneira especialissima e diferente do nascimento vulgar como Verbo (Logos), estaremos de accordo, neste ponto, comvosco que chamais a Hermes o Verbo (Logos) ou o que traz nóvas de Deus” (*Thrice Graet est Hermes*, de Mead, pag. 217).

A filiação de Jesus era, portanto, identica a de Hermes. Observe-se, tambem, que a phrase “engendrado de Deus” não se refere a um nascimento physico, mas a algo transcendente. Justino affirma claramente que Jesus nasceu como todos os homens e não de um modo extraordinario. O grande nascimento em que o homem foi engendrado por Deus para converter-se em seu “Filho” não era cousa exclusiva do Christianismo, pois Justino disse, de forma que não dá logar a duvidas, que o nome de Filho de Deus se applica a Jesus com igual sentido e de igual modo que a Hermes, Asclepio, Dyonisio e outros Filhos de Deus, isto é, que elle affirmava que era um iniciado, tendo, antes, passado, como homem, pelo processo da iniciação.

Origenes está de accordo com Justino, pois, falla, tambem, do “mysterio da resurreição” e compara esta doutrina secreta (que, segundo disse, os incredulos não entedem) com a doutrina exoterica da resurreição por todos conhecida e aceita como artigo de fé. (*Origenes contra Celso*, liv. I, cap. VII). De tudo isso se infere que existia uma grande differença entre a doutrina mystica da crucificação e a resurreição e as crenças populares.

Por isso, ao estudar a doutrina esoterica dos Mystérios, se vê que Christo, não foi um personagem unico, mas a primacia dos homens perfeitos, cousa que se tem crido a respeito de todos os iniciados, já que a salvação é alcançada quando o iniciado se converte em um Christo.

“A etapa do discipulo significava adquirir a qualidade de Filho. A vida do Filho consistia em viver entre os homens até que estivesse

proxima a resurreição e o Christo glorificado se convertesse em um dos Salvadores do Mundo” (*Christianismo Esoterico*, de A. Besant).

Todo homem é um Christo em potencia e, por isso, o objecto da evolução se estriba em que os seres humanos se elevem até o sublime gráo de Mestre-Christo.

CAPITULO VIII

ORIGEM E HISTORIA DA MAÇONARIA

Julga-se, geralmente, que tudo quanto se relaciona com a Maçonaria deve ser guardado em segredo, o que é um erro, pois existem numerosos livros escriptos sobre a Maçonaria, livros ao alcance de todos, sejam ou não membros da Ordem. Nesta Conferencia não divulgarei os segredos que prometti guardar.

Os famosos eruditos maçonicos Stillson e Hughan dizem, mui claramente, na introdução ao estudo d’*“A Historia da Maçonaria e das Ordens Concordantes”*, que sua “obra é não só de interesse para os Maçons, como os que desejem conhecer esta Fraternidade antes de a ella filiareem-se, ou, simplesmente, lêr alguma cousa seria sobre tão importante e veneranda Instituição, encontrarão neste livro não poucos capitulos interessantes”.

Nada de segredo existe em Maçonaria, a não ser algumas partes da Ceremonia, ou sejam as palavras de passe ou secretas e os signaes de que se servem os Maçons para reconhecimento entre si.

Tantos erros se tem commettido sobre este particular, que é conveniente corroborarmos o que dizemos com opiniões de gente autorizada. O proprio Stillson disse: “portanto, devemos dizer que a Fraternidade Maçônica não é, em principio, uma sociedade occulta, já que nem seus fins e nem suas Constituições são secretos. Seus amigos e seus inimigos pódem encontrar, em toda a parte, dados sobre sua legislação e suas finalidades, os quaes são e foram conhecidos, sempre, por todo mundo. Poderíamos dizer que, emvez de uma sociedade secreta, é uma sociedade privada, porque, excepto nossos habitos esotericos, relacionados, directa ou indirectamente, com os signaes ou modos universaes de que nos valemos para nos reconhecer, não temos segredo algum.”

Tanto credito se deu, antigamente, a certas noções absurdas sobre a Maçonaria que até alguns Maçons ficaram com o defeito de crêr em

sua veracidade. Hoje em dia, porém, é consolador ver-se que os escriptores maçonicos se esforçam em corrigir os antigos erros. Outrora, se considerava traição á Ordem quando se relatava aos profanos a sua verdadeira historia; o que, porém, de exageradas opiniões se publicou, na época em que muito pouco se conhecia sobre a Instituição, não é razão para que se continue mantendo taes erros.

Hoje em dia, não mais se póde sustentar que a Maçonaria se fundou nos tempos do Rei Salomão, ou dos Patriarchas judeus, como, tambem, não se póde dizer que suas doutrinas fundamentaes — *a unidade de Deus e a immortalidade da alma* — constituiram a crença exclusiva de um povo ou de uma religião. Essas opiniões se podiam sustentar quando ainda não se conhecia a sciencia das religiões comparadas, pois as investigações modernas provam que essas crenças eram, universalmente, conhecidas, professando-as todas as grandes nações da antiguidade, muito tempo antes de nascer a nação judaica, ou que Abraham abandonasse o valle do Euphrates.

Tampouco se póde acceitar a antiga tradição de que todos os conhecimentos dos antigos Mystérios e a fórmula interior da Maçonaria actual procedem dos trabalhadores de Tyro, que construíram o Templo de Salomão. Actualmente, não existem provas evidentes de que os judeus conhecessem esta “fórmula interior”, nem de que a Maçonaria a acceitasse antes de 1717, época em que foi introduzida na Ordem pelos que estavam ao corrente dos Antigos Mystérios. A Maçonaria, portanto, não descende directamente dos Mystérios, mas melhor se constituiu nos moldes por elles deixados. Os Reconstructores reavivaram os Mystérios Antigos, valendo-se dos symbolos conhecidos nos primitivos tempos, e formaram, com os mythos e os symbolos derivados dos Mystérios, o symbolismo do Templo de Salomão.

Os Maçons viajantes da Idade Media são, talvez, os descendentes dos artifices dyonisianos; não existem, entretanto, provas evidentes do élo, nem, tampouco, se conhece a data em que nasceu o movimento maçonico, o qual, podemos assegurar, não é muito antigo, pois a historia da Maçonaria não se remonta a mais de seis seculos atraz. E, demais, temos de levar em conta que a organização primitiva, anterior ao anno de 1717, foi algo completamente distincta do que é actualmente.

A applicação da palavra Maçonaria aos Antigos Mystérios judaicos e pagãos é tão absurda e tão falha de base como a crença de que os primeiros Mystérios são verdadeiros e os ultimos falsos, pois ambos os

systemas procedem da mesma fonte; apesar disso, os pagãos são muitos mil annos mais antigos que os judaicos. Causa assombro vêr-se a que extremo se póde chegar em defesa de um credo theologico.

Somos de opinião que, muito embora o movimento maçónico seja relativamente moderno, teve origem no verdadeiro mysticismo e é um dos canaes por onde flue a doutrina mystica. Para demonstral-o, vamos citar alguns pontos de contacto existentes entre as escolas esotericas dos primitivos tempos christãos e o movimento maçónico actual.

As palavras do autorisado Maçon E. Mac Bean são interessantes quanto a este particular, pois disse elle: “Creio que parte de nosso symbolismo tem origem templaria, romanista, embora profundamente matizado de gnosticismo... Mais tarde os euquitas, que se supõe serem os descendentes dos manicheus e que constituíam uma das numerosas sociedades religioso-políticas que infestavam a Europa, introduziram ou reviveram alguns desses ensinamentos... Indiscutível é que nossos symbolos só podem ser explicados satisfactoriamente quando se estuda os mysticismos orientaes cabalístico, hermetico, pythagorico e gnostico. Em todos os passados seculos se encontram philosophos que velam suas doutrinas com figuras semelhantes ás empregadas pelos Rosa-Cruzes e pelos estudantes mais modernos, figuras que são. idênticas aos signaes traçados sobre as paredes de nossas Lojas e Capítulos.” (*Hidden Sources of Masonry*, Cooper-Oakley, pag. 34-35).

Conforme uma tradição, a Maçonaria descende do Maniqueismo ou dos Filhos da Viuva. João Yarker, ao tratar dessa Ordem, disse que “até o anno 200 de nossa éra, a seita gnostica mais notavel era um ramo persa dos Maniqueus, á qual se dividia em Ouvintes, Eleitos e Perfeitos e era dirigida por um grupo de doze apóstolos e um Presidente... Seu Rito possuía um evangelho theosophico, no qual se ensinava que todas as religiões procedem de uma base commum. No anno 657 deixaram de chamar-se maniqueus para intitular-se paulicianos, adoptando, logo, os nomes de catarinos, euquitas, bogomilos.

Elles constituíam uma sociedade secreta especulativa que se dividia em vários grãos. Seus membros se reconheciam por meio de signaes, toques e palavras secretas como se dá na Maçonaria”. (*The Kneph*, vol. V, n.º 4).

Esta ordem foi fundada, por Mani, para restaurar as antigas verdades dos Mystérios e a verdadeira Gnosis. Mani combinou os ensinamentos de Zoroastro com os de Jesus, por serem ambos dois aspe-

ctos da mesma Sabedoria; a doutrina desse mysterio, porém, foi considerada como heretica pelos orthodoxos das duas religiões, pelo que os persas assassinaram Mani, ao mesmo tempo que seus discipulos eram mortos pelos christãos.

Do seculo IV em deante, a Igreja de Roma perseguio cruelmente os maniqueus, mas, apesar disso, sua sociedade tomou rapido incremento. Disse Reghellina da Schio, celebre Maçon italiano, que “emquanto Manes (Mani) viveu, seu discipulo Hermán diffundio o maniqueismo pelo Egypto, onde os sacerdotes coptas e christãos incorporaram a seus ensinamentos os Mysterios que haviam tomado dos judeus... Os Mysterios dos Filhos da Viuva e o culto ao Grande Architecto do Universo chegaram até nós graças a esses sacerdotes coptas, aos christãos do Oriente e, tambem, em consequencia de acortecimentos aparentemente imprevistos. Os cruzados intervieram fortemente nesta propaganda. Os Mysterios continuaram existindo sob o nome de culto ao Grande Architecto do Universo, nome que procede da allegoria de Hiram, que representava, nos Mysterios, o Deus Desconhecido, o Eterno... A grande duração das Cruzadas contribuiu para que os velhos guerreiros se pudessem iniciar em todos os Mysterios dos Filhos da Viuva... Os cruzados, que foram admittidos e iniciados nos mysterios dos Filhos da Viuva, os communicaram a seus discipulos, quando voltaram á Europa” (*Citado nas Hidden Sources of Masonry*, pag. 37).

Suppõe-se que os Maçons tomaram suas doutrinas secretas dos Templarios. Eclert trata de estabelecer a relação dos maniqueus com os Johannes-Bruder (Irmãos de João) do Occidente, e crê encontrar os descendentes destes ultimos nas Corporações de Constructores alemães.

Os maniqueus adoptaram differentes nomes atravez dos seculos; depois da morte de seu fundador, se fundiram com algumas seitas gnosticas importantes, misturando, dessa maneira, duas grandes correntes da Sabedoria divina: uma que procedia do Egypto e passava pela Palestina, e outra que vinha da India atravez da Persia. A fórmula externa em que se foi conservando a sciencia secreta trocou, continuamente, de nome e, por isso, não nos admira que exista a tradição de que os Maçons descendem da Fraternidade Gnostica de S. João, como, tambem, poder-se-ia affirmar que procedem dos Albigenses, dos Christãos Johanitas, dos Trovadores, etc., pois todos elles pos-

suiam a mesma tradição mystica, que se transmittia de seculo em seculo. Quando eram perseguidos com um nome, velavam seus mysterios com outro.

Os Annaes de Colonia, que datam do anno 1535, dão provas evidentes de que, antes de 1440, existiu uma sociedade secreta, conhecida, então, com o nome de Fraternidade de S. João, a qual se chamou, mais tarde, Ordem Maçonica ou Fraternidade Maçonica de S. João. Nesses Annaes se póde lêr os seguintes paragraphos: “A Fraternidade ou Ordem dos Irmãos Maçons, congregada segundo as santas regras de S. João, não procede dos Templarios nem de nenhuma outra Ordem cavalleiresca, mas é mais antiga que todas as ordens similares, pois existiu na Palestina, na Grecia e em differentes partes do Imperio Romano. Nossa Fraternidade é anterior ás Cruzadas. Em certa época, um reduzido nucleo de iniciados, que possuíam a verdadeira doutrina da virtude e os ensinamentos secretos, se separou da massa em virtude de lutas existentes entre as seitas.” Embora os Maçons materialistas não julguem esses Annaes authenticos, os Maçons espiritualistas, ao contrario, os julgam. Mackenzie disse que mesmo que não fossem authenticos, delles se falla no registro de uma Loja de Hague e, portanto, é inegavel que, pelo menos, têm dois seculos de existencia. A doutrina mystica da Fraternidade de S. João deveria ter sido idéntica á professada pelas demais ordens mysticas e, portanto, o valor dos Annaes consiste em ser um testemunho da existencia dessa doutrina secreta. Haja a Maçonaria recebido essa doutrina dos Templarios ou de qualquer outra seita, isso pouca importancia tem.

Ha quem supponha que os Mysterios da Arte Maçonica, anteriores ao renascimento de 1717, consistiam, unicamente, nas regras ou methodos da arte da edificação, o que póde ser verdade quanto ao organismo em bloco; é, porém, innegavel que existia uma doutrina occulta e esoterica. O General Pike disse que “O symbolismo empregado pelos Maçons de certa classe data, quiçá, de muitos seculos antes de 1717”. E é logico que, si possuíam os symbolos, conheciam, tambem, sua significação. O General Pike acrescenta: “A arte da construcção era a mais predominante, pois as demais artes não eram mais que auxiliares suas”. “Assim, todos os grandes intellectuaes e os grandes artistas dependiam della. O antigos symbolos se gravavam nas Igrejas e nas Cathedraes, algumas das quaes estavam adornadas com figuras e desenhos

que nunca teriam sido tolerados pelo clero, si este houvesse conhecido o que significam para os Adeptos”. Isso é prova de que elles possuíam conhecimentos occultos.

Findel resume as opiniões dos principaes Maçons da Allemanha dizendo que “a Grande Loja da Allemanha suppõe que nas Fraternidades de Constructores da Idade Media se conservava, além dos ensinamentos da arte, uma sciencia secreta, cujo *abstractum* era um verdadeiro Mysterio Christão, que servia de escola preparatoria ou elementar ou escalão preparatorio para ingresso naquellas Fraternidade e na Maçonaria de S. João, a qual não consistia, unicamente, em um systema de philosophia moral, mas tinha grandes relações com este Mysterio. Assegura-se que a Maçonaria moderna (ou Franc-Maçonaria de S. João) surgio das Fraternidades de Constructores medievaes; ao mesmo tempo, porém, tambem se crê que existiu, em tempos primitivos, uma sociedade cuja aspiração consistia em que os homens se aperfeiçoassem, valendo-se, precisamente, dos mesmos meios que o systema sueco, o qual, na realidade, não fez mais do que seguir as pegadas de seu antecessor, occulto nas Fraternidades de Architectos; assim, nossa sociedade não procedeu dessas Fraternidades, mas actuou muito bem atravez dellas. A antiguidade da sciencia secreta ou mysterio é remotissima. O Mysterio constituia a parte esoterica dos grãos superiores do Rito, cuja revelação ao resto da Confederação era prohibida, como, tambem, aos grãos inferiores do systema. A existencia desse mysterio se póde demonstrar estudando diversos documentos que se conservam na Grande Loja da Allemanha. . . Sua lenda secreta é identica á dos Carpoeracianos, que acreditavam haver Jesus ensinado a sciencia secreta a uns quantos Apostolos eleitos, sciencia que foi transmittida, mais tarde, aos Cavalleiros Templarios, os quaes, por sua vez, a communicaram ás Fraternidades de Constructores, até que, por fim, chegou ao conhecimento dos actuaes Maçons do Rito Sueco. . . O Rito Sueco ensina que, em todas as nações, existiram, sempre, homens que adoraram a Deus em espirito e em verdade, e que souberam conservar a pureza de sua fé, apesar de estarem rodeados de idolatrias e superstições. Foram elles os que conservaram a Sabedoria que transmittiãem em forma de mysterio; foram elles que, em tempo, se valeram dos judeus da seita essenia, onde Jesus se educou e passou grande parte de sua vida.”

“Jesus lhes inculcou um conhecimento mais perfeito das Cousas Santas, e, durante as épocas de persecução, elles transmittiram, em

silencio, a doutrina que lhes havia sido confiada. Na época dos sarracenos e das Cruzadas, soffreram tantas oppressões que se viram obrigados a buscar protecção exterior. Não obstante, quiz o destino que sete delles, christãos syrios, perseguidos por incredulos, perto de Bastrum, fossem resgatados pelos Cavalleiros Templarios, que, depois, os tomaram sob sua protecção. Após viverem algum tempo com os Templarios, os christãos syrios solicitaram permissão para viverem com os prebentarios de Jerusalem por ser a vida, que alli se levava, mais de accordo com suas inclinações e gostos. Os Templarios consentiram nesse desejo e Andréas Montebarrensis unio esses syrios aos prebentarios. Os syrios, agradecidos, ensinaram toda sua sciencia aos prebentarios que souberam guardar, devidamente, seus segredos, ensinando, unicamente, aos que eram dignos de conhecê-los. Assim, se manteve a doutrina secreta no seio da Ordem do Templo, até que esta foi abolida. Os padres do Templo se dispersaram, em consequencia da feroz perseguição de que era alvo a Ordem; como, porém, o braço secular não os perseguia, como aos Cavalleiros, puderam salvar muitas de suas obras secretas. Os Cavalleiros do Templo se refugiaram, mais tarde, na Escocia e fundaram um Capitulo em Aberdeen, cujo primeiro Prior foi Petrus de Bononia. Sua sciencia se diffundi dahi, com muita cautela, primeiro pela Italia e, depois, até o extremo norte (Suecia ou Russia?) e França” (*History of Masonry*, Findel, pag. 299 a 310).

Findel cita, com certo scepticismo, esta historia, mas a existencia de uma doutrina secreta está tão bem demonstrada que não admite refutação. As sociedades mysticas invadiram a Idade Media, tratando cada uma de conservar e transmittir a doutrina esoterica por diferentes maneiras. A Maçonaria não teria sido uma excepção entre as sociedades que existiram desde o seculo IV até o XVIII, si não houvesse tomado parte activa na conservação e transmissão do esoterismo.

Os primeiros dados historicos da Maçonaria são, realmente, escasos, devido, talvez, á natureza da organização. As mais antigas actas de reuniões de Lojas datam de 1599, mas existem copias das “Antigas Obrigações” e Leis que remontam ao seculo XIV.

Nos mais antigos manuscriptos, nada se diz sobre si os Maçons usavam os signaes, toques e palavras que, depois, empregaram para se reconhecerem; entretanto, pôde bem ter assim succedido. Existiam certos segredos pertencentes á arte da edificação só conhecidos pelos membros da Loja. Esses segredos se referiam a cousas do officio, com as quaes

a Ordem mantinha seu monopólio. A rígida legislação das guildas se foi, porém, relaxando, pouco a pouco, além de se fundarem outras organizações de operários que conseguiram terminar com o monopólio, preparando, assim, o caminho para que a Maçonaria se transformasse em sociedade meramente especulativa.

A palavra — Franc-Maçom — que, originalmente, significava trabalhador livre de pedras, se applicou, mais tarde, a todos “os artistas que, como Maçons, haviam obtido a liberdade de trabalhar, nas Lojas, com a Fraternidade, depois de passarem pela devida aprendizagem e de adquirirem o grão de Companheiro”. Já nos tempos das mais antigas “Obrigações”, se admittia na Ordem pessoas que não eram maçons ou pedreiros, ás quaes davam o nome de “maçons acceitos”, para distinguil-as dos demais, pois muitas vieram á Ordem atraídas por seus principios moraes e, talvez, avidas de conhecerem as doutrinas secretas da Fraternidade. Algumas eram homens de estudo que, indubitavelmente, contribuíram para reconstruir a Ordem. A admissão dos membros “especulativos”, isto é, dos que não viviam do officio de pedreiro, foi um grande bem, pois serviu para conservar a Ordem, quando as antigas “Obrigações” já haviam perdido toda a sua influencia. Si tal não se houvesse dado, a Instituição da Maçonaria não existiria actualmente.

Os Maçons especulativos existiram desde a época das mais antigas “Obrigações”, desconhecendo-se, porém, qual a sua proporção para com os operativos. Segundo as actas do seculo XVII, ainda conservadas, os Maçons especulativos constituíam grande maioria, si bem que algumas organizações são admittissem operários.

Conforme as antigas actas, os aprendizes serviam sete annos, ascendendo, então, a Companheiro, que deviam provar sua habilidade e conhecimentos si quizessem ser Mestres Maçons. E' claro que os membros honorarios não seguiam este transmittre. Os aprendizes eram tão membros e disfructavam de tantos privilegios como os Companheiros e Mestres, pois, naquella época, ainda não se havia creado os grãos maçonicos separados. Reconhecia-se tres grãos ou classes, não, porém, como etapas esotericas, porque não encontramos dados sobre si os grãos trabalhavam separadamente antes do renascimento de 1717.

Nos fins do seculo XVII, a Maçonaria ingleza começou a retrogradar. A Ordem converteu-se em uma sociedade commercial que buscava tão somente egoisticos lucros, porque alguns membros julgaram que se devia fazer alguma cousa para evitar a extincção total da Fra-

ternidade. Surgiram, então, os Doutores Anderson e Desgouliers, em cujas mãos a Ordem soffreu mudanças radicaes, em 1717. No dia 24 de Junho desse anno, reuniram-se, em Londres, quatro Lojas e constituíram a primeira Grande Loja do mundo, na qual, enretanto, não estava incluída a sociedade maçónica de York. Os Maçons de York se mantiveram independentes e fundaram, em 1725, outra Grande Loja, com o titulo de Grande Loja Para Toda a Inglaterra, organização que funcionou até 1790, sem nunca expedir Cartas Constitutivas a Lojas estrangeiras.

A Ordem designou os Doutores Anderson e Desgouliers para, com outros antigos membros, formularem um methodo melhor e mais novo de sua historia, obrigações, legislações, etc. Como resultado desse trabalho, temos a Maçonaria Livre e Aceita, que se funda na Lenda de Hiram e no symbolismo do Templo de Salomão.

Para a formação dos grãos foram adoptados muitos usos e costumes dos Mystérios antigos. O terceiro grão ou de Mestre Maçon, que se basea na Lenda de Hiram, começou a ser usado em 1723, o que quer dizer que todo o systema de grãos é obra dos reconstructores.

O Dr. Mackey disse que “os mais celebres eruditos opinam, hoje, que a divisão em grãos do systema maçónico se deve aos reconstructores do começo do seculo XVIII; acreditam, tambem, que, anteriormente a esse periodo, não existiu mais que um grão, ou melhor, uma formula commum de ritualismo, e que a divisão em Mestres, Companheiros e Aprendizes, era, claramente, uma separação de classes, existindo, para todos, uma unica iniciação” (*Art. Dgrees, Mackey's Encyclopedia*).

W. H. Hughan disse: “li cuidadosamente todos os manuscriptos maçonicos conhecidos desde o seculo XIV até o anno de 1717 e não pude encontrar referencia alguma aos tres grãos (Citado em *Four Old Lodges*, pag. 40).

Gould, celebre autor maçónico, affirma que não existem provas de que “o segundo grão existisse antes de 1717, tal como, hoje, se o pratica, nem de que o terceiro grão houvesse sido empregado antes de 1735” (Citado por C. F. Francis nos *M. P. G. M. Addres*, Philadelphia, 1888, da *Concise History*, de Gould).

W. J. B. Mac Leod Moore, Supremo Grão Mestre *ad vitam* do Grande e Soberano Priorato do Canadá, disse, tambem, que “a investigação historica demonstra claramente que o actual systema de grãos

era completamente desconhecido em 1717. A principio existiu um unico gráo de Iniciação, no qual estavam incluidos todos os elementos dos grãos praticados actualmente, pois os nomes de Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçon serviam, unicamente, para designar as classes de trabalhadores e não seus grãos. A antiga Sociedade ou Fraternidade compunha-se, somente, de Companheiros, porque nas mais antigas actas, constituições e obrigações não se faz a minima allusão a estes grãos separadamente, nem mesmo á Lenda de Hiram Abif. As quatro antigas Lojas, existentes em Londres, no anno de 1717, se compunham, inteiramente, de Companheiros" (*History of Freemasonry and Concordant Orders*, pag. 753).

O symbolismo e as lendas que os Revisores adoptaram, reunindo-os em grãos, procedem, em sua maior parte, dos Mystérios, embora se desconheça de onde recolheram os materiaes secretos. Muitos acreditam que os Revisores ou Reconstructores tomaram o symbolismo dos Rosacruzes e da "Nova Atlantis" de Bacon. Hughan, por exemplo, suppõe que os livros de Wigston, sobre "Bacon" Shakespeare e os Rosacruzes" e sobre "Francis Bacon, Poeta, Profeta e Philosopho", contêm idéas resacrucianas e baconianas que influíram nos reconstructores maçonicos de 1717. E, demais, accrescenta que "a Nova Atlantis" parece ser, e provavelmente é, a chave do moderno ritual maçónico". (*Idem*, pagina XXXI).

A Maçonaria é inteiramente hermetica e cabalística. Os que formaram seus grãos eram, indubitavelmente, philosophos cabalísticos e hermeticos, que conheciam a fundo essa classe de obras.

Singleton, gráo 33º e Secretario da Grande Loja do Districto da Columbia, disse que "os cabalistas foram os que inventaram os grãos originaes e que multiplicaram os grãos em França e na Allemanha, elaborando e detalhando as lendas dos tres primeiros... A principio a Maçonaria especulativa tinha um só ritual muito claro, tronco de onde brotaram todos os ramos, cujo fructo recorda o Hermetismo e a Caballa... No terceiro gráo, no Real Arco e no de Soberano Comendador do Templo (Gráo 27) se trata de imitar os Mystérios antigos" (*Idem*, pag. 105).

“ASTRÉA”

Esta Revista, de caracter exclusivamente maçonico, será publicada mensalmente.

E' **Orgão Official** do Sob. . Sup. . Cons. . do Gr. . 33. . do Rit. . Esc. . Ant. . e Acc. . para os Estados Unidos do Brasil.

Além da materia propriamente official, publicará esta Revista artigos abrangendo todos os assumptos maçonicos e os que á Maçonaria puderem interessar.

A collaboração é livre para todos os Iir. ., sujeita, porém, ao criterio da direcção.

PREÇO DE ASSIGNATURA

BRASIL:

Anno	20\$000
Numero avulso	2\$000

ESTRANGEIRO:

Anno	30\$000
Numero avulso	3\$000

Collecção completa do 1.º, 2.º, 3.º ou 4.º anno	30\$000
--	---------

P E D I M O S P E R M U T A
W E B E G E X C H A N G E — S E R U E G A C A N J E

Toda correspondencia deve ser dirigida á

CAIXA POSTAL N. 2.486

RIO DE JANEIRO

BRASIL

NOMINATA

*Dos SSob.: GGr.: Insp.: GGer.: Membros Effectivos
do Sob.: Sup.: Cons.: para o Brasil, com as
respectivas antiguidades*

1 —	Dr. Mario Behring	1907
2 —	Antonio Joaquim Rebello	1909
3 —	Capitão João Marinho da Cruz	1910
4 —	Dr. Manoel Gonçalves Pecego	1912
5 —	Capitão Antonio Maria Senand Belém	1914
6 —	Almirante Verissimo José da Costa	1914
7 —	Manoel Francisco Gomes	1914
8 —	Dr. Amaro Arthur de Albuquerque	1921
9 —	Dr. Bernardino de Almeida Senna Campos	1922
10 —	Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio	1923
11 —	Dr. Carlos Reis (S. Paulo)	1926
12 —	Dr. Gaspar Antonio Vieira Guimarães (Amazonas)	1926
13 —	Dr. Mario Carneiro do Rego Mello (Pernambuco)	1926
14 —	Coronel Apollinario Pinheiro Moreira (Pará)	1927
15 —	Dr. José Mattoso Maia Forte	1927
16 —	Dr. Carlos de Castro Pacheco	1928
17 —	Dr. Hugo Martins Ferreira	1928
18 —	Comt. Esculapio Cesar de Paiva	1928
19 —	Almirante Arthur Thompson	1928
20 —	Dr. Alvaro de Figueiredo	1929
21 —	Augusto Simões (Parahyba)	1929
22 a 33 —	Vagos.	1929

Membros do Sacro Collegio 1927 - 1932

Sob.: Gr.: Comm.	Dr. Mario Behring
Lug.: Ten.: Comm.	Dr. Bernardino de A. Senna Campos
Gr.: Secr.: do S.: I.	Dr. Amaro Arthur de Albuquerque
Gr.: Chanc.	Comt. Esculapio Cesar de Paiva
Gr.: Thes.: do S.: I.	Gen. Dr. Joaquim Moreira Sampaio
Gr.: Min.: de Estado	Capitão João Marinho da Cruz
Gr.: Min.: das RR.: EExt.	Alm. Verissimo José da Costa
Gr.: Hosp.	
Gr.: Mest.: de CCer.	Dr. Manoel Gonçalves Pecego
Gr.: Port.: Est.	Manoel Francisco Gomes
Gr.: Port.: Esp.	Antonio Maria Senand Belém
Gr.: Cap.: das GG.	Dr. Alvaro de Figueiredo
Gr.: Secr.: Adj.	Dr. Hugo Martins Ferreira
Gr.: Thes.: Adj.	Dr. Carlos de Castro Pacheco
Gr.: Mestr.: CCer.: Adj.	Antonio Joaquim Rebello

Membros Emeritos

Alberto Gracie	1926
Nicolau Alotti	1930
Antonio Olavo de Lima Rodrigues	1930

Membros Emeritos de Honra

Dr. Alejandro Sorondo—Ex-Sob.: Gr.: Comm.: da Rep. Argentina.
John H. Cowles—Sob.: Gr.: Comm.: da Jur.: Sul dos E. U. A.
Armand Anspach-Puissant—Sob.: Gr.: Comm.: para a Belgica.

ASTRÉA



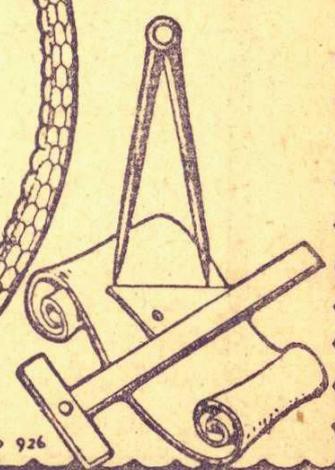
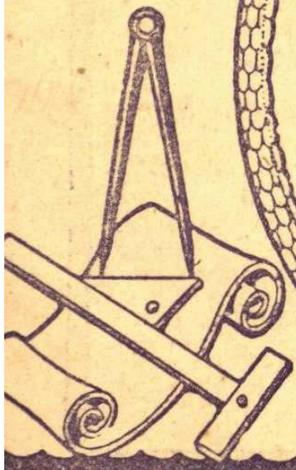
ORGÃO OFFICIAL DO SUPREMO CONSELHO DO BRASIL

Anno V-Ns. 7, 8 e 9

Julho a Set.º 1951

SUMMARIO

Parte Oficial	185
Ir.: Dr. Carlos Reis, 33º	188
Ir.: Emílio Schlang, 33º	194
Questionario	198
Pela Maçonaria Brasileira	202
Em Prol da Fraternidade	204
Soberania, mas unidade de vistas	212
O ensino religioso nas escolas	217
Religião ou Espionagem?	222
Os Mystérios Antigos, etc.	225
Grande Loja do Rio de Janeiro	230



“ASTRÉA”

Esta Revista, de caracter exclusivamente maçonico, será publicada mensalmente.

E' **Orgão Official** do Sob. . . Sup. . . Cons. . . do Gr. . . 33. . . do Rit. . . Esc. . . Ant. . . e Acc. . . para os Estados Unidos do Brasil.

Além da materia propriamente official, publicará esta Revista artigos abrangendo todos os assumptos maçonicos e os que á Maçonaria puderem interessar.

A collaboração é livre para todos os Iir. . . , sujeita, porém, ao criterio da direcção.

PREÇO DE ASSIGNATURA

BRASIL:

Anno	20\$000
Numero avulso	2\$000

ESTRANGEIRO:

Anno	30\$000
Numero avulso	3\$000

Collecção completa do 1.º, 2.º, 3.º ou 4.º anno	30\$000
--	---------

P E D I M O S P E R M U T A
W E B E G E X C H A N G E — S E R U E G A C A N J É

Toda correspondencia deve ser dirigida á

CAIXA POSTAL N. 2.486

RIO DE JANEIRO

BRASIL